UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE MEDICINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS MÉDICAS: ENDOCRINOLOGIA

AVALIAÇÃO DA FUNÇÃO ENDOTELIAL E ASSOCIAÇÃO COM ANDROGÊNIOS ENDÓGENOS EM PACIENTES PÓS-MENOPÁUSICAS

Maria Augusta Maturana

Porto Alegre

2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE MEDICINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS MÉDICAS: ENDOCRINOLOGIA

Maria Augusta Maturana

AVALIAÇÃO DA FUNÇÃO ENDOTELIAL E ASSOCIAÇÃO COM ANDROGÊNIOS ENDÓGENOS EM PACIENTES PÓS-MENOPÁUSICAS

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências Médicas: Endocrinologia

Orientadora: Profª. Drª. Poli Mara Spritzer

Co-orientadora: Profª. Drª. Maria Claudia Irigoyen

Porto Alegre

2006

Este estudo foi realizado na Unidade de Endocrinologia Ginecológica, Serviço de Endocrinologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, com o apoio financeiro das seguintes instituições:

FAPERGS

CNPq

FIPE/HCPA

PRONEX 26/98

À Vitória, minha amada filha.

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho, recebi o incentivo e a colaboração de muitas pessoas e instituições.

Em especial agradeço:

À Profª Drª Poli Mara Spritzer pela competência e rigor científico na valiosa orientação deste trabalho. Pela confiança e oportunidade!

À Profª Drª Maria Claudia Irigoyen pela orientação e viabilização de detalhes importantes na execução deste projeto.

Às pacientes, muitas destas, corajosas mulheres, que enfrentaram pela primeira vez a vinda à capital para participar deste estudo, o meu sincero reconhecimento.

Aos meus pais, Leodoro e Selmira, pelos seus ensinamentos e sobretudo, por seus exemplos de vida. Minhas irmãs, cunhados e sobrinhos: pela amizade e alegria do nosso convívio.

Ao Dr. Marcelo Rubira pelo empenho e competência na realização dos exames de *dorsal hand vein.*

Ao acadêmico Vitor Breda, pela ajuda no atendimento das pacientes e coleta de dados.

Ao Serviço de Cardiologia do HCPA pelo suporte e espaço físico para a realização dos exames de *dorsal hand vein* , em especial a Enfª Eneida Rabelo. E aos colegas Antônio Marcos V da Silva e Luis Signori pelos vários auxílios na realização destes exames.

Ao Dr Francisco Lhullier pelas dosagens da endotelina.

Aos colegas e amigos da Unidade de Endocrinologia Ginecológica do HCPA. Em especial agradeço as palavras sempre amigas do César, Gislaine, Marcelo e Fabiane.

Aos colegas do Laboratório de Endocrinologia Molecular e Neuroendocrinologia do Departamento de Fisiologia da UFRGS. E À inesquecível Iracema Vera Soares, pela cuidado e competência na coleta das amostras.

À gentil Miriam Santa Helena pela colaboração.

Ao Artur e á Vitória: pelo amor, paciência e perseverança! Por serem pessoas maravilhosamente brilhantes e especiais, e deixarem minha vida muito feliz!

Science without religion is lame, religion without science is blind.

Albert Einstein

APRESENTAÇÂO

A disfunção endotelial está implicada na gênese da aterosclerose e provavelmente no aumento da incidência de doença cardiovascular em mulheres na pós- menopausa. Na literatura, ainda há controvérsia a respeito da influência dos androgênios endógenos, como um dos fatores envolvidos num perfil de risco cardiovascular nesta população. Nesta tese, estudamos as associações entre androgênios endógenos, variáveis antropométricas, proteina C-reativa, endotelina-1 e função endotelial numa amostra de pacientes pós-menopáusicas. A apresentação desta tese está organizada em três capítulos, conforme o formato sugerido pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas: Endocrinologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O primeiro capítulo é constituído por um trabalho de revisão (artigo 1) :*Menopause, Estrogens and Endothelial Dysfunction: Current Concepts*. Este artigo enfoca aspectos pertinentes à menopausa e hipoestrogenismo, endotélio e suas funções na homeostase cardiovascular, e modificações na função endotelial na pós-menopausa. Aborda ainda outros temas, como as ações vasculares e extravasculares do estrogênio endógeno, e implicações do uso da terapia hormonal na pós-menopausa. Este manuscrito, já está aceito para publicação no periódico *Clinics*.

Nos próximos dois capítulos foram inseridos os artigos 2 e 3, referentes a dados originais que constituem a parte experimental e discussão desta tese desenvolvida na Unidade de Endocrinologia Ginecológica do Serviço de Endocrinologia do HCPA.

No artigo 2 "*Relationship between endogenous testosterone, endothelin-1 and C-reactive protein in postmenopausal women*" foram incluídas 53 mulheres na pós-menopausa, com idade superior a 40 anos, excluídas diabéticas, com disfunção tireoidiana ou hepática. Neste trabalho, o objetivo foi testar a influência dos níveis de testosterona endógena em marcadores inflamatórios, de função endotelial, e no perfil metabólico e antropométrico.

O artigo 3 "*Free androgen index and endothelial function in postmenopausal women"*, analisa 26 pacientes pós-menopáusicas, não tabagistas ou hipertensas, com idade inferior a 65 anos, que foram selecionadas entre as pacientes do estudo anterior, com o objetivo de determinar uma associação entre o índice de androgênios livres e marcadores vasomotores endoteliais Os exames de avaliação do endotélio venoso, que fizeram parte deste estudo, foram realizados pelo Dr Marcelo Rubira, no Serviço de Cardiologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Estes dois manuscritos serão enviados para publicação em periódicos indexados internacionais.

SUMÁRIO

ARTIGO 1

Menopause, Estrogens and Endothelial Dysfunction: Current Concepts

Maturana MA, Irigoyen MC, Spritzer PM[1]

Clinics.2007;62(1):77-86

Menopause, Estrogens and Endothelial Dysfunction: Current Concepts

Maturana MA[1], Irigoyen MC[2,3], Spritzer PM[1,2]

[1]Gynecological Endocrinology Unit, Division of Endocrinology, Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Porto Alegre, Brazil; [2]Department of Physiology, Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Porto Alegre, Brazil; ; [3]INCOR, São Paulo, Brazil.

This study was supported by grants from Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), FAPERGS (Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Sul) and PRONEX 26/98 (Programa de Apoio aos Núcleos de Excelência em Pesquisa).

Running title: Menopause, estrogens and endothelial dysfunction

Corresponding author: Poli Mara Spritzer, M.D., Ph.D.
Department of Physiology, Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Rua Sarmento Leite, 500
90050-170 Porto Alegre, RS, Brazil
Tel: +55-51-3316-3671 / Fax: +55-51-3316-3656.
E-mail: spritzer@ufrgs.br

Abstract

Menopause is defined as the permanent cessation of menses. Cardiovascular disease is the leading cause of death among postmenopausal women in developed countries. The disparity between the incidence of cardiovascular disease among women in pre- and post-menopause has been ascribed to the actions of endogenous estrogen on the cardiovascular system and, particularly, on the vascular endothelium. The endothelium plays an important role in cardiovascular homeostasis, either in the vascular tonus and regulation or in coagulation and inflammatory response. Endothelial dysfunction is implicated in the genesis of atherosclerosis and other chronic disorders, such as diabetes mellitus and hypertension. The pharmacological use of estrogen exerts influence on the circulating levels of vascular tonus, inflammatory, pro-thrombotic and fibrinolytic markers, but the impact of these changes on the atherosclerotic disease is still uncertain.

Keywords: menopause, endothelial function, cardiovascular disease, estrogen, hormone therapy

Resumo

A menopausa é definida como a cessação permanente das menstruações. A doença cardiovascular é a principal causa de mortalidade em mulheres na pós- menopausa, em países desenvolvidos. A disparidade entre a incidência de doença cardiovascular entre mulheres na pré e pós-menopausa tem sido atribuída a ações do estrogênio endógeno sobre o sistema cardiovascular e, em especial, sobre a função do endotélio vascular. O endotélio tem importante papel na homeostase cardiovascular, seja no controle do tônus e permeabilidade vascular, ou da coagulação e resposta inflamatória. A disfunção endotelial está implicada na gênese da aterosclerose e de outras doenças crônicas, como diabete melito e hipertensão arterial. O uso farmacológico de estrogênio exerce influência sobre concentrações circulantes de marcadores do tônus vascular, inflamatórios, pró-trombóticos e fibrinolíticos, porém o impacto destas alterações sobre a doença aterosclerótica ainda não está determinado.

Palavras chave: menopausa, função endotelial, doença cardiovascular, estrogênio, terapia hormonal

Menopause is defined by the World Health Organization as the permanent cessation of menses as a result of the loss of ovarian follicular function or of surgical removal of ovaries. [1] The mean age for occurrence of natural menopause is around 50 years. [1,2]

The management of the menopausal patient has been a matter of great concern in the last decades, both in terms of epidemiology and public health and in medical scientific research. This is largely due to the improved life expectancy, which allows to predict that the female population can live a third of their lifetime after menopause. Demographic studies indicate that in 1990 about 467 million women were at age 50 or over. For year 2030, the estimate is that this group exceeds 1200 million women. [3]

Hormonal changes accompanying menopause, particularly the decreased levels of estrogen hormones, have a great physiological impact. Estrogen deficiency has been associated with vasomotor symptoms, urogenital atrophy, and cognitive impairment, as well as increased risk of chronic degenerative diseases such as osteoporosis and Alzheimer's disease.

Menopause and Cardiovascular Disease

CVD remains as the leading cause of death in the twenty first century. [4] Despite the advances in this area, CVD is still the main cause of death among women in developed countries. In the United States, over half a million women die of CVD every year, exceeding the number of deaths among men and the sum total of the next leading causes of death among women. Coronary arterial disease (CAD) is responsible for most of the deaths by CVD among women .[5] Moreover, women have a less favorable prognosis than men in the presence of coronary event: 40% of the total coronary events in women are deadly, and 67% of sudden deaths occur in women

without history of coronary disease.[5]

The prevalence of CVD in pre-menopausal women is smaller than in post-menopausal ones, when there is an exponential increase, with the female risk equaling the male one at the age of 70 years. [6] This lag concerning the age period at which the frequency of cardiovascular events increases among women as compared to men has been ascribed to the actions of endogenous estrogen on the cardiovascular system, through mechanisms as yet not completely clarified. On the other hand, the influence of hormone therapy (HT) during the menopause on the cardiovascular comorbidities is not well-established. Observational studies showed a reduction of up to 50% in the risk of CVD in postmenopausal women using HT. [7,8,9]

Nevertheless, the results of two large randomized prospective studies refute the cardioprotective effects of hormone therapy evidenced in observational studies. The Heart and Estrogen/Progestin Replacement Study (HERS) was a randomized clinical trial designed to test the effectiveness of HT in the secondary prevention of coronary heart disease. The results indicate an increase in the coronary events within the first year of follow-up after acute myocardial infarction (AMI) among patients treated with a combination of conjugated estrogens/ medroxy progesterone acetate at fixed doses and mean age of 66.7 years.[10] Recently, the Women's Health Initiative (WHI), a prospective study of primary prevention of CVD, was interrupted early because a higher incidence of cardiovascular events was demonstrated among the women randomized for use of HT, than in the group receiving placebo. In this study, although HT was associated with reduced risk of colorectal cancer and bone fracture, it was associated as well with increased risk of breast cancer.[11] Finally, in 2004 the results of the therapeutic arm of the WHI evaluating the isolated use of conjugated estrogens versus placebo among 10,739 hysterectomized post-menopausal women were published. There was increased risk of CVA (rr=1.39 CI: 110-177) but decreased risk of

hip fracture and null effect on the incidence of CVD, as well as potential reduction in the incidence of breast cancer. Overall, the risk-benefit index was neuter. [12]

Many are the well-known risks for CVD, such as systemic hypertension, smoking, obesity, sedentary life style, dyslipedemia, stress, family history of CVD, diabetes mellitus, and insulin resistance. [6] More recently, endothelial vascular dysfunction has been on the agenda for its association with CVD, as detailed below.

The Endothelium

The endothelium is a layer of cells lining all the vessels of the organism and placing itself between the blood and the vascular smooth muscle layer. The endothelial cells form the more exposed surface of the inner vascular layer, presenting selective permeability, of non-thrombogenic character, with exuberant metabolic activity, having also the ability to produce several vasoactive substances. [13]

The main actions exerted by the endothelium can be described as:

- Selective permeability: The endothelium forms a highly selective permeability barrier, regulating the flow of nutrient substances, many biologically active molecules, and blood cells. [14]

- Maintenance of a balance between thrombosis and fibrinolysis: The endothelium normally provides a non-thrombogenic surface due to its ability to form prostaglandin derivatives, especially prostacyclin, which is a potent vasodilator and an effective inhibitor of platelet aggregation.[15] The endothelial cells also secrete agents that are effective for the lysis of coagula, including the plasminogen, but also synthesize pro-coagulant agents such as Von Willebrand factor (vWF). Also, they produce thrombogenic substances such as coagulation factors, adhesion molecules, plasminogen activator inhibitor-1 (PAI-1), and tromboxan A2.[16]

- Inhibition of cell proliferation of vascular smooth muscles, preventing the migration of smooth muscle cells through direct mechanisms, such as synthesis of nitric oxide, which inhibits cell proliferation, and/or indirect ones (platelet action). [17,18]

- Active participation in immune response through the release of factors leading to active contraction, control of plasma extravasation, as well as increase in the expression of integrins, molecules of adhesion and secretion of cytokines, allowing the migration of monocytes, lymphocytes and neutrophils and greater local phagocytic activity.

- Modulation of vascular tonus through the production of numerous vasoactive substances (Table 1). The regulation of the vasomotor tonus is determined by a balance of dilation and constriction. Nitric oxide (NO) is the main mediator of vasomotor tonus in physiological situations. Some stimuli such as the dragging force produced by the pulsatile blood flow, the pressure of blood against the vascular wall, and the shear stress contribute to the basal generation of NO.[19,20,21]

Endothelial Dysfunction

The term endothelial dysfunction is more frequently used to mean reduction in endothelium-dependent vasodilatation, associated with diminished bioactivity of local vasodilating factors, especially NO, but it probably includes such other normal functions of the endothelium as interaction with leukocytes, platelets and regulatory substances. Currently, it is a consensus that endothelial dysfunction is the initial event in atherosclerosis development.[22] Several conditions such as aging, menopause, dyslipedemia, high blood pressure and diabetes mellitus are associated with endothelial dysfunction. [23,24,25,26,27]

Techniques for Evaluation of Endothelial Function

There are many techniques to investigate the endothelium, from those that focus on cell and molecular aspects, through methods involving tissue cultures and molecular biology tools, to the clinical trials applied to human beings, using invasive and non-invasive procedures to evaluate endothelium-dependent vasodilatation, or the determination of plasmatic substances that indicate endothelial activation and damage (Tables 2 and 3).

Intracoronary studies evaluating endothelium-dependent vasodilatation after infusion of acetylcholine are considered gold standard techniques in assessing the endothelial function, but their invasive character precludes their use in large scale. [22] Thus, taking into account that endothelial dysfunction is present at early stages of atherosclerosis, and that it involves several arteries, non-invasive tests in peripheral circulation have been increasingly used. [25] Three techniques are particularly useful to estimate the endothelial dysfunction in peripheral circulation: ultrasonography of brachial artery, impedance pletismography, and dorsal hand vein compliance. Each of these techniques evaluates the endothelial function indirectly by measuring changes to the size of brachial artery, forearm veins, and back of the hand, respectively, after physical (active hyperemia) or pharmacological stimulation (bradykinin or acetylcholine).

Ultrasonography of Brachial Artery

Flow mediated dilatation (FMD) can be measured through high resolution ultrasonography. This technique contrasts the changes to the diameter of the brachial artery in response to the increased flow by reactive hyperemia and sublingual nitrate. Vasodilating responses are expressed as a percentage of change to the size of the vessel (basal and following stimulation). Celermajer et al, in 1994, studied more than 500 healthy individuals using this method and demonstrated negative association

between FMD and a variety of cardiovascular risks, such as smoking, hypertension, age and hypercholesterolemia. [28] Other studies have demonstrated a positive correlation between FMD and central hemodynamic parameters, extension and prognosis of coronary disease. [29,30]

This technique has been used in several studies, but there are limitations related to environmental and individual factors, such as prandial state and arterial size. [31] Also, problems related to reproducibility and intraobserver variation are matters of debate in literature. Rossi et al, 2005, demonstrated variation coefficients of 3.3% and 12.4%, respectively, for basal size and after stimulation, of the brachial artery.[32]

There is as yet no consensus in literature about the parameters of normality for FMD. Ryliskyte et al (2004) analyzed 115 individuals with low cardiovascular risk and found that the only independent predictors of FMD were age and vessel size [33]. These authors thus suggest that in analyzing results, one must take into account normality ranges according to age and the caliber of the tested vessel.

Impedance Pletismography and Dorsal Hand Vein Compliance

Compliance and vein occlusion pletismography uses a sensor of stretching to quantify variations in volume in the forearm or lower limb, taking into account the fact that variations in volume in these parts are dependent on the local blood flow variation. Forearm blood flow (FBF) measurements can be done following ischemic (reactive hyperemia) or pharmacological stimulation, the latter requiring catheterization and drug infusion into brachial artery (invasive). Flow values can be calculated by manual or semi-manual analysis using specific software.

This technique has been validated in several studies as a tool to evaluate the endothelial function: diminished FBF is associated with the increased thickness of the tunica media of the artery, presence of DAC, and risk factors associated with it. [16,34,35]

FBF can also be used to monitor the changes to the endothelial function after interventions on cardiovascular risk factors. [36]

Environmental and physiological variables can influence the magnitude of FBF responses, such as room temperature, age, race, hormonal state, phase of menstrual cycle, anxiety, and prandial state. FBF values variation in a single individual can be about 12.9%, reflecting the influence of these variables. [37,38] To minimize variability the tests must be done in a silent room at stable temperature, and the patient must be fasting.

The dorsal hand vein compliance technique uses measurements of venous diameter variations, obtained through a linear transducer. Venodilatation curves are obtained after infusion of acetylcholine or bradykinin (endothelium-dependent vasodilatation) and nitrate (endothelium-independent vasodilatation) as compared to basal curves [39]. As regards safety, risks and accuracy, it is comparable to impedance pletismography, although it has the advantage of using vasoactive substances at lower doses, thus avoiding potential systemic confounders [22]. Again, the results are influenced by environmental and physiological factors. Greater reproducibility and smaller intra-patient variability of the test are related to pre-constriction of the tested vessel, ideally around 80% of vein constriction in basal state (ED_{80}).[39]

Estrogen, menopause and endothelial function

There is evidence of an association between endothelial dysfunction and reduced endogenous production of estrogens after natural or surgical menopause or premature ovarian failure (POF) in women with or without CAD. [27,40,41,42]

The actions of endogenous estrogens on the cardiovascular system can be mediated directly on the vessels or indirectly through the modulation of cardiovascular risk factors, as well as on the lipid profile (reduction of total cholesterol and LDL,

increase in HDL), as already described more than 20 years ago. [7] More recently, studies have demonstrated as well an antioxidant effect by estrogen, reducing LDL oxidation *in vivo* and *in vitro*.[43]

The direct effects of estrogen on the vascular system and which modulate the vascular tonus comprise 1) acute vasodilatation, increasing the synthesis and bioactivity of nitric oxide; [44,45] 2) long term modulation of vascular tonus, regulating the production of prostaglandins and expression of eNOS and the endothelin gene[46]; 3) inhibition of endothelin-induced vasoconstriction[47]; and 4) inhibition of sympathetic activity [27].

In addition to these actions on the vascular tonus, estrogen exerts an antiproliferative action on the vascular smooth layer. [48] Also, it appears to have a major role in vascular remodeling, inhibiting the proliferation of the inner layer after injury [49] and increasing the expression of contractile proteins in the myocardium. [50]

In other tissues, such as the liver, estrogen can mediate both beneficial (expression of genes of apoproteins that improve the lipid profile) and adverse effects (increase in the expression of pro-coagulant factors and decrease of fibrinolytic factors). [51]

From the clinical point of view, our group has recently reported, in post-menopausal women who were not on hormone therapy, a positive association between nitric oxide and free estradiol level, confirming the influence of this steroid on the endothelial function. [52]

On the other hand, androgen and sex hormone binding globulin (SHBG) levels have been associated with risk of CVD in pre- and postmenopausal women. [53,54] The increase in circulating androgens appears to be associated with insulin resistance and a predictor of diabetes mellitus. [55,56,57] In a previous study, we demonstrated a positive association, independent of obesity, between testosterone levels and hyperinsulinemia

in post-menopausal women with no clinical evidence of CVD. [58]

Hormone Therapy and Endothelial Function

Disturbances in the endothelial function have an important role in the physiopathology of atherosclerosis, and several lines of evidence suggest that interventions in the endothelial function could modify the progress rates of atherosclerotic disease and the risk of cardiovascular events. A number of studies in the literature have tested the impact of the use of HT on the endothelial function using inflammatory, fibrinolytic/thrombogenic markers and functional methods. [40,41,59,60,61]

Results from the main randomized studies, HERS 2 and WHI, indicate increased risk of venous thromboembolism with the use of HT. [8,62] It is important to highlight that these studies were criticized in at least two respects: patient selection, which included women in average 10 years older than the age at which HT is usually recommended (WHI), and the use in both studies of a regimen of HT with drugs, administration route and fixed doses.

The administration route of HT appears to affect the fibrinolytic activity and the coagulation markers. The oral route for estrogen therapy is associated with changes in the levels of coagulation and fibrinolysis markers, especially at the early period of use. [63,64,65] Studies using the estrogen therapy by transdermal route, however, did not confirm these findings. [66,67] Moreover, Scarabin et al (2003), in a multicenter case-control study, evaluated 155 post-menopausal women hospitalized because of venous thromboembolism (VTE) and demonstrated increased risk for VTE with oral, but not with transdermal, therapy. [68] Our group showed, in postmenopausal patients, that reduction of antithrombin III, usually seen with oral estrogen therapy, did not occur with the use of estradiol-17β in the form of' percutaneous gel both alone [69] or in association with micronized progesterone [71] (Figure 1). Plasma rennin activity was also similar

before and during this non-oral hormone therapy (Figure 1). These findings have also shown that progesterone does not appreciably attenuate estradiol-induced beneficial effects.

In addition, we have recently shown that, in a sample of hypertensive post-menopausal women, the association of non-oral estradiol-17b and low doses of vaginal micronized progesterone for one year were both effective on climacteric symptoms and safe on maintaining blood pressure control and preventing endometrial hyperplasia .[70,71] Moreover, in those patients, serial echocardiograph scans showed no change in left ventricle mass, but a significant reduction in the thickness of the left ventricle posterior wall was observed [71] (Table 4).

On the other hand, a number of studies have been calling attention to the effect of HT in endothelial inflammatory markers, such as decreased expression of adhesion molecules like ICAM-1, VICAM-1 and E-selectin. [72,73,74]

Studies using the oral route have evidenced an increase in the circulating levels of C-reactive protein (CRP), a well-known inflammatory marker. [73,74,75] However, the clinical significance of these results has not been totally clarified. Other trials with non-oral routes reported, on the contrary, stability in CRP levels during HT. [73,76]

Acute non-oral use of estradiol may increase endothelium-dependent vasodilatation. [77,78] Saitta et al. 2001 compared the effects of using 17-β estradiol+ norethisterone, raloxifen or placebo for 6 months in postmenopausal patients [79] . Treated women, in both groups, showed significant increase in endothelium-dependent vasodilation measured by ultrasonography of brachial artery and in the plasmatic nitrite/nitrate levels, not observed in placebo users. A significant increase in the NO metabolites levels has also been shown by Balci et al (2005) with the use of transdermal 17β estradiol, 100 μg/week for 3 months.[80]

Although there is some evidence towards a favorable action of HT on the vasomotor endothelial function, the long-term benefits on the natural history of atherosclerotic disease are yet unpredictable. Ceballos et al, 2000, showed a significant increase in endothelium-dependent vasodilation in menopausal patients treated with a combination of transdermal 17β estradiol and micronized progesterone, but this benefit was lost after 6 months of drug discontinuation. [81]

Few studies in literature have boarded the effect of progestogens on cardiovascular risk and despite well-recognized benefits of estrogens, controversy surrounds the risks and negative aspects of combined estrogen and progestogen use in HT.

The vascular actions of progestins and progesterone are mediated by progesterone receptors, expressed in endothelial cells and the vascular smooth muscle as well as through down-regulation of the estradiol receptor. [45] Concerning progesterone, evidences suggest that the natural molecule facilitates the inhibitory effects of estrogen on vascular smooth muscle proliferation [82] and may induce endothelium-dependent vascular relaxation. [45,77] In addition, natural progesterone used in HT appears to preserve the beneficial actions of estrogen. [8,70,71]

In turn, progestins present different pharmacological profiles according to their molecular structure, dosage and presence of comorbidities. As with estrogens, the various progestins used in HT may differ significantly as to how closely they mimic their natural counterparts. For instance, progestin molecules with androgenic properties may antagonize estrogen-dependent beneficial effects on lipids [83] and a new molecule with antimineralocorticoid activity may reduce blood pressure in postmenopausal women with hypertension. [84]

Progestins added to estrogen therapy seem to increase inflammatory markers. [72] In addition, medroxyprogesterone acetate associated to conjugated equine

estrogens produce no effects [85] or inhibit endothelium-dependent vasodilatation stimulated by estrogens. [86] These observations have been considered to explain, at least in part, the adverse results observed on the large prospective, randomized, placebo-controlled trials of combined HT: WHI and HERS studies. However, the extent to which findings of these studies of medroxyprogesterone acetate and conjugated equine estrogens apply to other HT formulations is unclear at present.

Endothelial Dysfunction and CVD Predictors in Menopause

Data from prospective trials have been confirming the hypothesis that endothelial dysfunction precedes the emergence of chronic disorders. The MONICA/KORA study (Monitoring of Trends and Determinants in Cardiovascular Disease/Cooperative Research in the Region of Augsburg), which involved more than 2,000 patients, found an association between increased levels of E-selectin and I-CAM and increased risk of Diabetes Mellitus Type 2 (DM-2). [87] Rossi et al (2005), in a follow-up study of 840 postmenopausal women, showed an adjusted relative risk for DM-2 of 5.87 (confidence interval of 95%:4.34-8.10) in patients with the lower tertile of FMD ($\leq$4.3).[32]

In addition to effects on endothelial markers, changes in other factors of cardiovascular risk have been associated with the menopausal transition, such as the lipid profile [88], weight, and body fat distribution. [89,90] The association between prevalence of cardiovascular risk during peri-menopause and post-menopause and intimal-medial thickness (IMT) of the carotid was monitored in 314 women by Matthews et al (2001).[88] In pre-menopausal patients, arterial and pulse pressure, LDL, HDL, triglycerides, and BMI values were predictors of TMT and the presence of atherosclerotic plaque, after 5 years of menses cessation. In post-menopausal patients, only the increase in pulse pressure was a predictor of IMT.[91] These findings

support the notion that women at higher risk of CVD can be identified during pre-menopause, and it is in this period that strategies must be implemented to prevent the development of atherosclerosis in the postmenopausal years.

Endothelium dysfunction can be curtailed by non-pharmacological measures, such as physical activity[92] and weight loss[93], or pharmacological ones, such as statins and angiotensin converting enzyme (ACE). [94.95] The indication of HT use must be individualized, taking into account the presence of climacteric symptoms and their impact on inflammatory and coagulation markers, since long-term benefits on atherosclerotic vascular disease have not yet been determined.

References

1. WHO Scientific Group on Research on the Menopause in the 1990s. Geneva, WHO technical report series; 866,1-107, 1996

2. Pedro A O, Neto AMP, Paiva LH, Osis JM, Hardy E. Idade de ocorrência da menopausa natural em mulheres brasileiras:resultados de um inquérito populacional domiciliar. Cad. Saúde Pública. 2003;19(1):7-25.

3. Hunter MS. Emotional well-being, sexual behaviour and hormone replacement therapy. Maturitas. 1990;12:299-314.

4. Murray CJL, Lopez AD. The global burden of disease. World Health Organization. 1996.

5. AHA Scientific Statement 2004. Evidence-Based Guidelines for Cardiovascular Disease Prevention in Women. Arterioscler. Thromb. Vasc. Biol. 2004;24:29-50.

6. Assmann G, Carmena R, Cullen P, Fruchart JC, Jossa F, Lewis B, et al. For The International Task Force for the Prevention of Coronary Heart Disease. Coronary Heart Disease: reducing the risk. A worldwide view. Circulation. 1999;100:1930- 8.

7. Bush TL; Barret-Connor E, Cowan LD, Criqui MH, Wallace RB, Suchindran CM. Cardiovascular mortality and noncontraceptive use of estrogen in women: results from the Lipid Research Clinics Program Follow- Up Study. Circulation. 1987;75:1102-9.

8. The writing group for the PEPI TRIAL. Effects os estrogen or estrogen/ progestin regimens on heart disease risk factors in postmenopausal women. The postmenopausal estrogen/progestin interventions (PEPI) trial. *JAMA* 1995; 273: 199-208.

9. Grodstein F, Stampfer MJ, Colditz GA, Willet WC, Manson JE, Joffe M et al. Postmenopausal hormone therapy and mortality. N Engl J Med. 1997;336:1769-75.

10. Hulley S, Grady D, Bush T, Fulberg C, Herrington D, Riggs B, et al. For the heart and estrogen/ progestin replacement study (HERS) research group. Randomized trial

of estrogen plus progestin for secondary prevention of coronary heart disease in postmenopausal women. JAMA. 1998;280:605-13.

11. Writing Group for the Women's Health Initiative Investigators *JAMA.* 2002; Risks and benefits of estrogen plus progestina in healthy postmenopausal women;288:321-333.

12. The women's health initiative steering committee. Effects of conjugated equine estrogen in postmenopausal women with hysterectomy. JAMA 2004; 291:1701-1712;

13. Mombouli JV, Vanhoutte PM. Endothelial dysfunction:from physiology to theraphy. J Mol Cell Cardiol. 1999;31:61-74.

14. Simionescu M, Simionescu N, Palade GE. Segmental differentiatons of cell junctions in the vascular endothelium. The microvasculature. J Cell Biol 1975;67:863-85.

15. Moncada S, Higgs EA, Vane JR. Human arterial and venous tissues generate prostacyclin (prostaglandin x), a potent inhibitor of platelet aggregation. Lancet. 1977;1:18-20.

16. Anderson R, Dart AM, Star J, Shaw J, Chin-Dusting JP. Plasma C-reactive protein, but not protein S, VICAM-1, von Willebrand factor or E-selectin, is associated with endothelium dysfunction in coronary artery disease. Atherosclerosis. 2004;172(2):345-51.

17. Caramori PRA & Zago AJ. Endothelial dysfunction and coronary artery disease. Arq Bras Cardiol. 2000;75:173-81.

18. Andrews NP, Hussain M, Dakak N, Ouyyumi AA. Platelet Inhibitory effect of nitric oxide in the human coronary circulation:impact of endothelial dysfunction. JACC. 2001;37: 510-6.

19. Furchgott RF, Zawadzki JV. The obligatory role of endothelial cells in the relaxation of arterial smooth muscle by acetylcholine. Nature. 1980;288:373-6.

20. Yang Y & Loscalzo J. Regulation of tissue factor expression in human microvascular endothelial cells by nitric oxide. Circulation 2000;101:2144-8.

21. Luz PL, Laurindo FRM, Chagas ACP. Endotélio & doenças cardiovasculares. São Paulo: Atheneu. 2003;2:17-32.

22. Anderson T Assessment and treatment of endothelial dysfunction in humans. J Am Coll Cardiol. 1999;34(6):631-8.

23. Ching HL, Watts GF, Dhaliwal SS, Barrett PH, Stuckey BG. Vascular function of forearm microcirculation in postmenopausal women with type 2 diabetes:potencial benefic of hormone replacement therapy? Climateric. 2003;6(1):31-7.

24. Abdu TAM, Elhadd T, Pfeifer M, Clayton RN. Endothelial dysfunction in endocrine disease. TRENDS Endocrin Met. 2001;12(6):257-65.

25. Suwaidi JA, Hamasaki S, Higano S, Nishimura RA, Holmes DR Jr, Lerman A. Long-term follow-up of patients with mild coronary artery disease and endothelial dysfunction. Circulation 2000;101:948-954.

26. Ross R. Atherosclerosis- an inflamatory disease. N Engl J Med. 1999;340(2):115-125.

27. Mercuro G, Longu G, Zoncu S, Cherchi A. Impaired forearm blood flow and vasodilator reserve in healthy postmenopausal women. Am Heart J. 1999;137:692-7.

28. Celermajer DS, Sorensen KE, Bull C, Robinson J, Deanfield JE. Endothelium-dependent dilation in the systemic arteries of asyntomatic subjects relates to coronary risk factors and their interaction. J Am Coll Cardiol. 1994;24(6):1468-74.

29. Pellegrino T, Storto G, Filardi PP, Sorrentino AR, Silvestro A, Petretta M, et al. Relationship between brachial artery flow-mediated dilation and coronary flow reserve in patients with peripheral artery disease. J Nucl Med. 2005; 46(12):1997-2002.

30. Neuteufl T, Kazenschlager R, Hassan A. Systemic endothelial dysfunction is related to the extent and severity of coronary artery disease. Atherosclerosis. 1997;129:111-8.

31. Fathi R & Marwick TH. Noninvasive tests of vascular function and structure: Why and how to perform them. Am Heart J. 2001;141:694-703.

32. Rossi R, Cioni E, Nuzzo A. Endotheial-dependent vasodilation and incidence of type 2 diabetes in a population of healthy postmenopausal women. Diabetes Care. 2005;28:702-7.

33. Ryliskyte L, Ghiadoni L, Plantiga Y. Hight-frequency ultrasonographic imging of the endothelium-dependent flow-mediated dilatation (FMD) in a brachial artery: normative ranges in a group of low CV risk subjects of different ages. Proc West Pharmacol Soc. 2004;47:67-8.

34. Ghiadoni L, Taddei S, Virdis A, Sudano J, Di Legge V, Meola M, et al. Endothelial Function and Common Carotid Artery Wall Thickening in Patients With Essential Hypertension. Hypertension. 1998;32:25-32.

35. Tentolouris C, Tousolis D, Antoniades C, Bosinakou E, Kotsopoulos M, Trikas A, et al. Endothelial function and proinflammatory cytokinas in patients with ischemic heart disease and dilated cardiomyophaty. Int J Cardiol 2004;94(2-3):301-5.

36. Sousa MG, Yugar-Toledo JC, Rubira MC, Ferreira-Melo SE, Souza W, Consolin-Colombo F, et al. Ascorbic acid improves venous and arterial endothelium-dependent dilation in smokers. Acta Pharmacologica Sinica 2005; 26(4):44-7-452.

37. Playford DA & Watts GF. Special article:non-invasive measurement of endothelial function. Clin Exp Pharmacol Physiol. 1998;25(7/8):640-3.

38. Sanada M, Higashi Y, Nakagawa K, Kodama J, Tsuda I, Nagai N, et al. Comparison of forearm endothelial function between premenopausal and postmenopausal women with or without hypercholesterolemia. Maturitas 2003;44(4):307-15.

39. Schindler G, Grossmann M, Dobrev D, Francke K, Pittrow D, Kirch W. Reproducibility of dorsal hand vein responses to phenylephrine and prostaglandin $F_{2\infty}$ using the dorsal hand vein compliance method. J Clin Pharmacol 2003;43:228-236

40. Kalantaridou SN, Naka KK, Papanikolaou E, Kazakos N, Kravariti M, Calis KA, et al. Impaired endothelial function in young women with premature ovarian failure: normalization with hormone therapy. J Clin Endocrinol Metab. 2004;89(8):3907-13.

41. Sanada M, Higashi Y, Nakawaga K, Tsuda M, Kodama I, Kimura M, et al. A Comparison of Low-Dose and Standard-Dose Oral Estrogen on Forearm Endothelial Function in Early Postmenopausal Women. J Clin Endocrinol Metab 2003; 88:1303-1309

42. Taddei S, Virdis A, Ghiadoni L, Mattei P, Sudano I, Bernini G, et al. Menopause is associated with endothelial dysfunction in women. Hypertension 1996; 28:575-582.

43. Subbiah MTR. Estrogen replacement theraphy and cardioprotection:mechanisms and controversies. Braz J Med Biol Res 2002; 35:271-76.

44. Mendelsohn ME & Karas RH. Mechanisms of disease: the potencial effects of estrogen on the cardiovascular system.N England J Med. 1999;340:1801-11.

45. Khalil RA. Sex Hormones as Potencial Modulators of Vascular Function in Hypertension. Hypertension. 2005;46:249-54.

46. Hermenegildo C, Oviedo PJ & Cano A. Cycloxigenases regulation by estradiol on endothelium. Curr Pharm Des. 2006;12(2):205-15.

47. Nilsson S & Gustafsson JA. Estrogen receptor transcription and transactivation. Basic aspects of estrogen action. Breast Cancer Res. 2000;2:360-6.

48. Barchiese F, Jackson EK, Gillespie DJ, Zacharia LC, Fingerle J, Dubbey RK. Methoxyestradiols mediate estradiol-induced antimitogenesis in humam aortic SMCs. Hypertension. 2002;39:874-9.

49. Pare Gary, Krust A, Karas R, Dupont S, Aronovitz M, Chambom P, et al. Estrogen receptor-α mediates the protective effects of estrogen against vascular injury. Circ Res. 2002;90:1087-92.

50. Scheuer J, Malhotra A, Schaible TF, Capasso J. Effects of gonadectomy and hormonal replacement on the rats heart. Circ Res 1987; 61:12-19.

51. Mosca L, Collins P, Herrington DM, Mendelson ME, Pastermak RC, Robertson RM, et al. Hormone replacement theraphy and cardiovascular disease. A statement for healthcare professionals from the AHA. Circulation. 2001;104:499-503.

52. Spritzer PM, Maturana MA, Farias A, Bittencourt Jr PIH, Nitric Oxide levels and hypersulinemia in postmenopausal women: relationship with hormonal, metabolic and anthropometric measurements. In: Genazzani Arm Artini PG, Petraglia F. (Org.). Recent Research in Gynecological Endocrinology. New York: Parthenon; 2001. p.185-188.

53. Sutton-Tyrrell K, Wildman RP, Matthews KA, Chae C, Lasley BL,Brockwell S, Pasternak RC et al. Sex Hormone–Binding Globulin and the Free Androgen Index Are Related to Cardiovascular Risk Factors in Multiethnic Premenopausal and Perimenopausal Women Enrolled in the Study of Women Across the Nation (SWAN). Circulation 2005;111(10):1242-9.

54. Phillips GB, Pinkernell BH, Jing TY. Relationship between serum sex hormones and coronary artery disease in postmenopausal women. Arterioscler Thromb Vasc 1997; 17(4):695-701.

55. Lee CC, Kasa-Yubo JZ, Supiano MA. Androgenicity and obesity are independently associated with insulin sensitivity in postmenopausal women. Metabolism 2004; 53(4):507-12.

56. Haffner SM, Valdez RA, Morales PA, Hazuda HP, Stern MP. Decreased sex hormone-binding globulin predicts noninsulin-dependent diabetes mellitus in women but not in men. J Clin Endocrinol Metab. 1993;77:56-60.

57. Ding EL, Song Y, Maliki VS, Liu S. Sex Differences of Endogenous Sex Hormones and Risk of Type 2 Diabetes. A Systematic Review and Meta-analysis. JAMA. 2006;295:1288.

58. Maturana MA and Spritzer PM. Association between hyperinsulinemia and endogenous androgen levels in peri- and postmenopausal women. *Metabolism 51*(2): 238-43, 2002.

59. Higashi Y, Sanada M, Sasaki S, Nakagawa K, Goto C, Matsuura H, et al. Effect of Estrogen Replacement Therapy on Endothelial Function in Peripheral Resistance Arteries in Normotensive and Hypertensive Postmenopausal Women. Hypertension. 2001;37:651-7.

60. Duschek Ejj, Stehouwer CDA, Valk-DE Roo, GW. Raloxifene, conjugated oestrogen and endothelial function in postmenopausal women. J Intern Med. 2003;254:85-94

61. Lima SMR, Aldrighi JM, Consolin-Colombo FM, Mansur A, Rubira MC, Krieger EM, et al. Acute administration of 17β-estradiol improves endothelium-dependent vasodilation in postmenopausal women. Maturitas. 2005;50:266-74.

62. Grady D, Herrington D, Brittner V, Blumenthal R, Davidson M, Hlatky M, et al. For the HERS Research Group. Cardiovascular disease outcomes during 6.8 years of hormone theraphy: Heart and Estrogen/progestin Replacement Study follow-up (HERS II). JAMA. 2002;288:49-57.

63. Teede HJ, McGrath B P, Smolich JJ, Malan E, Kotsopoulou M, Liang YL, et al. Postmenopausal Hormone replacement teraphy increases coagulation activity and fibrinolysis. Arterioscler Thromb Vasc Biol 2000;20:1404-16.

64. Brown NJ, Abbas A, Byrne D, Brown NJ, Abbas A, Byrne D, et al. Comparative Effects of Estrogen and Angiotensin-Converting Enzyme Inhibition on Plasminogen Activator Inhibitor-1 in Healthy Postmenopausal Women. Circulation. 2002;105:304.

65. Gottsater A, Rendell M, Hulthen UL. Hormone replacement theraphy in healthy postmenopausal women: a randomized, placebo-controlled study of effects on coagulation and fibrinolitic factors. J Intern Med. 2001;249 (3):237-46.

66. Perera M, Sattar N, Petrie JR, Hillier C, Small M, Connell JM, et al. The effects of transdermal estradiol in combination with oral norethisterone on lipoproteins, coagulation, and endothelial markers in postmenopausal women with type 2 diabetes: a randomized, placebo-controlled study. J Clin Endocrinol Metab. 2001;86(3):1140-3

67. Rabbani LE, Seminário NA, Sciacca RR. Oral conjugated equine estrogen increases plasma von Willebrand factor in postmenopausal women. JACC. 2002;40(11):1991-11.

68. Scarabin PY, Oger E, Plu-Bureau G. Differential association of oral and transdermal oestrogen replacement therapy with venous thromboembolism risk. Lancet 2003:428-32.

69. Wender MCO, Vitola D, Spritzer PM. Percutaneous 17beta estradiol replacement therapy in hypertensive post-menopausal women. Brazilian Journal of Medical and Biological Research. 30: 1047-1053, 1997.

70. Vilodre LC, Wender MC, Castro JÁ, Reis FM, Ruschel S, Magalhães JÁ, et al. Endometrial response to cyclic regimen of percutaneous 17Beta-estradiol and low-dose vaginal micronized progesterone in women with mild to moderate hypertension. Gynecological Endocrinology. 17(4): 323-328, 2003.

71. Spritzer PM, Vitola D, Vilodre LC, Wender MC, Reis FM, Ruschel S, et al. One year follow-up of hormone replacement therapy with percutaneous estradiol and low-dose vaginal natural progesterone in women with mild to moderate hypertension.

Experimental Clinical Endocrinology & Diabetes. 111(5);267-273, 2003.

72. Hu P, Greendale GA, Palla SC, Reboussin BA, Henrrington DM, Barret-Connor E, et al. The effects of hormone therapy on the markers of inflammation and endothelial function and plasma matrix metalloproteinase-9 level in postmenopausal women: The postmenopausal estrogen progestin intervention (PEPI) trial. Atherosclerosis. 2006; 185(2):347-52.

73. Sumino H, Ichikava S, Kasama S, Takahashi T, Kumakura H, Takayama Y, et al. Different effects of oral conjugated estrogen and transdermal estradiol on arterial stiffness and vascular inflammatory markers in postmenopausal women. Atherosclerosis 2006; *In Press.*

74. Wakatsuki A, Ikenoue N, Shinohara K. Effect of Lower Dosage of Oral Conjugated Equine Estrogen on Inflammatory Markers and Endothelial Function in Healthy Postmenopausal Women. Arterioscler Thromb Vasc Biol, 2004;24:571-576.

75. Wakatsuki A, Okatani Y, Ikenove N, Fukaya T. Effect of Medroxyprogesterone Acetate on Vascular Inflammatory Markers in Postmenopausal Women Receiving Estrogen. Circulation 2002;105:1436.

76. Lakoski SG & Herrington DM. Effects of hormone theraphy on c-reactive protein and IL-6 in postmenopausal women:a review article. Climacteric. 2005;8(4):317-26.

77. Mather KJ, Norman EG, Jerilynn J, Prior JC, Elliott TG. Preserved Forearm Endothelial Responses with Acute Exposure to Progesterone: A Randomized Cross-Over Trial of 17-ß Estradiol, Progesterone, and 17-ß Estradiol with Progesterone in Healthy Menopausal Women. JCEM. 2000;85(12):4644-9.

78. Maturana MA, Rubira MC, Breda V, Irigoyen MC, Spritzer PM. Endothelial-dependent vasodilation in postmenopausal women: rapid effects of non-oral 17 beta-estradiol. In: 11 th World Congress on the Menopause 2005. Buenos Aires, Argentina.

79. Saitta A, Altavilla D, Cucinotta D, Morabito N, Frisina N, Corrado F, et al. Randomized, Double-Blind, Placebo-Controlled Study on Effects of Raloxifene and Hormone Replacement Therapy on Plasma NO Concentrations, Endothelin-1 Levels, and Endothelium-Dependent Vasodilation in Postmenopausal Women. Arterioscler Thromb Vasc Biol. 2001;21(9):1512-9.

80. Balci H, Altunyurt S, Acor B. ffects of transdermal estrogen replacement therapy on plasma levels of nitric oxide and plasma lipids in postmenopausal women. Maturitas. 2005;50:289-93.

81. Ceballos C, Ribes C, Amado JA. Venous endothelial function in postmenopausal women who are receiving long-term estrogen and progestagen theraphy. Fertility and Sterility. 2000;74(2):268-73.

82. Orshal JM & Khalil RA. Gender, sex hormones and vascular tone. Am J Physiol Regul Integr Comp 2004. 286: 233-249

83. Rosano GM, Vitale C, Silvestri A, Fini M. Metabolic and vascular effect of progestins in post-menopausal women. Implications for cardioprotection. Maturitas 2003. 46: S17-29

84. White WB, Hanes V, Chauhan V, Pitt B. Effects of a New Hormone Therapy, Drospirenone and 17-beta-Estradiol, in Postmenopausal Women With Hypertension. Hypertension 2006. 48:246-253.

85. Sanada M, Higashi Y, Nakagawa K, Tsuda M, Kodama I et al. Combination therapy of low-dose medroxyprogesterone acetate and oral estrogen does not affect

endothelial function in the forearms of postmenopausal women. Menopause 2002. 9:360-366.

86. Wakatsuki A, Okatani Y, Ikenoue N, Fukaya T. Effect of Medroxyprogesterone Acetate on Endothelium-Dependent Vasodilation in Postmenopausal Women Receiving Estrogen. Circulation 2001. 104: 1773- 8

87. Thorand B, Baumert J, Chambless L, Meisinger C, Kobb H, Doring A, et al. For the MONICA/KORA study group. Elevated Markers of Endothelial Dysfunction Predict Type 2 Diabetes Mellitus in Middle-Aged Men and Women From the General Population. Arterioscler Thromb Vasc Biol 2006.26:398-405.

88. Matthews KA, Meilahn E, Kuller L, Kelsey SF, Caggiula AW, Wing RR. Menopause and risk factors for coronary heart disease. N Engl J Med. 1989;321:641-6.

89 Poehlman ET, Toth MJ, Gardner AW. Changes in energy balance and body composition at menopause: a controlled longitudinal study. Ann Intern Med. 1995;123:673-5.

90. Donato GB, Fuchs SC, Oppermann K, Bastos C, Spritzer PM. Association between menopause status and central adiposity measured at different cutoffs of waist circumference and waist-to-hip ratio. Menopause, 2006;13(2):280-285.

91. Matthews KA, Kuller LH, Sutton-Tyrrel K, Chang YF. Changes in cardiovascular risk factors durring the perimenopausa and postmenopause and carotid artery atherosclerosis in healthy women. Stroke. 2001;32:1104-11.

92. Harvey PJ, Picton PE, Su WS, Morris BL, Notarius CF, Floras JS. Exercise as an alternative to oral estrogen for amelioration of endothelial dysfunction in postmenopausal women. Am Heart J. 2005;149(2):291-7.

93. Vázquez LA, Pazoz F, Berrazueta JR. Effects of changes in body weigtht and insulin resistance on inflammation and endothelial function in morbid obeity after bariatric surgery. J Clin Endocrinol Metab 2005; 90:316-322.

94. Dupuis J, Tardif JC, Rouleau JC.Intensity of lipid lowering with statins and brachial artery vascular endothelium reactivity after acute coronary syndromes (from the BRAVER trial). Am J Cardiol. 2005;96(9):1207-13.

95. Deja MA, Golba KS, Widenka K, Mrozek R, Biernat J, Kolowca M, et al. Angiotensin-converting enzyme inhibitors reveal non-NO-, non-prostacycline-mediated endothelium-dependent relaxation in internal thoracic artery of hypertensive patients. Int J Cardiol. 2005;102 (3):455-60.

Legend of Figure 1

Renin activity and antithrombin III in 20 postmenopausal women with mild to moderate hypertension, before and during 1 year of non-oral natural estradiol and low dose of micronized progesterone.

Table 1. Endothelial-derived vasoactive factors [21]

Vasodilator Factors	Vasoconstrictor Factors
Nitric oxide (NO)	Endothelin (ET)
Endothelium-derived hyperpolarizing factor (EDHF)	Prostanoids (PGH_2, TXA_2, O_2)
Prostacyclin (PGI_2)	Angiotensin (AII)
Acetylcholine	
Bradykinin	

Table 2. Markers of Endothelial function [24,91]

Endothelial Function	Marker
Coagulation	Fibrinogen
	vWF
	TXA_2
Fibrinolysis	t-PA
	PAI-1
Inflammation	CRP
	E-selectin
	fibrinogen
	ICAMs and VICAMs
	IL-6
Vascular Tonus	Plasma Markers
	ET-1
	NO

vWF: von Willebrand factor; $TXA_{2;}$ tromboxan; $A_{2;}$ tPA: tissue plasminogen activator; PAI-1: plasminogen activation inhibitor-1; CRP: C-reactive protein; ICAMs: intercellular adhesion molecules; VICAMs: vascular cell adhesion molecules; IL-6: interleukin 6; ET-1: endothelin-1; NO: Nitric Oxide

Table 3. Functional Tests for endothelial-dependent vasodilation evaluation [24, 90]

	Functional Tests
Invasive	Coronary angiography
	Pletismography
Non Invasive	Positron emission tomography
	FMD
	Brachial artery ultra-son
	Pletismography and dorsal hand vein compliance method

FMD: flow-mediated vasodilation

Table 4. Echocardiographic variables in 20 hypertensive post-menopausal women [71]

	Before HT	6m	12m	P
Left ventricle posterior wall (mm)	9.1 ±0.4	8.3 ± 0.3	8.0 ± 0.2	0.042
Ejection fraction (%)	71.3 ± 1.3	67.9 ± 1.2	69.4 ± 1.5	NS
Interventricular septum (mm)	9.2 ± 0.4	8.9 ± 0.4	8.2 ±0.2	NS

Blood pressure control was achieved by administration of amlodipine at individually adjusted doses. Hormone therapy was introduced in a cyclic regimen (21 of 28 days) with percutaneous estradiol (1.5 mg/day) and vaginal micronized progesterone (100 mg/day).

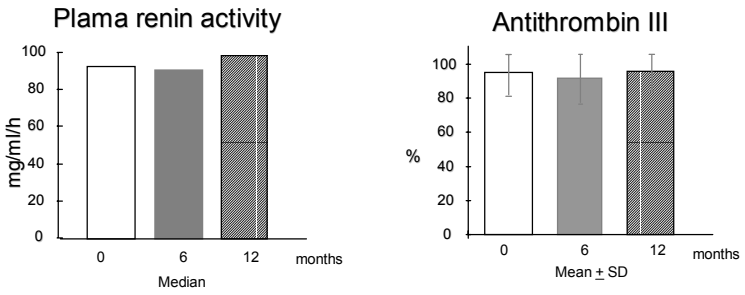

Plama renin activity
100
80
60
40
20
0
mg/ml/h
0
6
12
months
Median
Antithrombin III
100
80
60
40
20
0
%
0
6
12
months
Mean ± SD

Figure 1

ARTIGO 2

Relationship between endogenous testosterone, endothelin-1 and C-reactive protein in postmenopausal women

[1]Maria Augusta Maturana, MD; [1,2]Vitor Breda; [3]Francisco Lhullier, PhD; [1,2]Poli Mara Spritzer, MD, PhD

Relationship between endogenous testosterone, endothelin-1 and C-reactive protein in postmenopausal women

[1]Maria Augusta Maturana, MD; [1,2]Vitor Breda; [3]Francisco Lhullier, PhD; [1,2]Poli Mara Spritzer, MD, PhD

[1]Gynecological Endocrinology Unit, Division of Endocrinology, Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Porto Alegre, Brazil; [2]Department of Physiology, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brazil; [3]School of Pharmacy, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brazil.

Short title: ET-1, CRP and testosterone

Key words: menopause, androgens, endothelin-1, C - reactive protein, cardiovascular risk factors, endothelial dysfunction

Corresponding author: Poli Mara Spritzer, MD, PhD

Department of Physiology, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rua Sarmento Leite, 500

90050-170 Porto Alegre, RS, Brazil

Tel: +55-51-3316-3671 / Fax: +55-51-3316-3656

E-mail: spritzer@ufrgs.br

ABSTRACT

Objective: To verify whether endogenous testosterone levels are correlated with endothelial dysfunction markers and metabolic profile in 53 postmenopausal women.

Methods: Total testosterone (TT), endothelin-1 (ET-1), C-reactive protein (CRP) and metabolic and haemostatic variables were determined.

Results: Mean age was 55 (±5) years. Median time since menopause was 5.5 (3-8) years. Body mass index and waist circumference were significantly higher in women with TT ≥ 0.49 ng/mL (group mean) than in women with TT ≤ 0.49 ng/mL ($p < 0.005$). Median CRP levels were greater in women with higher TT [1.170 (0.175-2.360) *versus* 0.175 (0.175-0.610 mg/L, p= 0.039]. Median ET-1 levels were also higher in women with TT ≥ 0.49 ng/mL [0.84 (0.81-0.97) *versus* 0.81 (0.74-0.84) pg/mL, p=0.012]. TT was associated with CRP (r=0.466, p=0.008) and ET-1 (r=0.365, p=0.024). These correlations were independent of time since menopause and central obesity.

Conclusions: A positive association was observed between testosterone and endothelial dysfunction markers. Endogenous testosterone in recently postmenopausal women, even within normal limits, may be part of a proatherogenic profile. Longitudinal studies are needed to determine if androgenicity represents a risk factor for cardiovascular disease and to establish the clinical relevance of its association with ET-1 and CRP in this population.

INTRODUCTION

Although much progress has been made in the prevention and treatment of cardiovascular disease (CVD), it is still the leading cause of death among postmenopausal women in developed countries.[1] Changes in endothelial function play an important role in the pathophysiology of atherosclerosis,[2] and there is evidence suggesting that interventions to improve endothelial function may impact the progression and the risk of cardiovascular events.[2-5]

Circulating inflammatory markers are regarded as manifestations of endothelial dysfunction and have also been linked to CVD. C-reactive protein (CRP), a reliable and easily measured marker of inflammation, has been described as a predictor of cardiovascular events in postmenopausal women.[6-8] Another inflammation marker, endothelin 1 (ET-1), a peptide isolated from endothelial cells, presents a powerful vasoconstrictor action. Increased levels of ET-1 have been observed in states of insulin resistance and in early endothelial dysfunction.[9] Also, a positive association between ET-1 levels and androgenicity has been described in women with polycystic ovary syndrome (PCOS), suggesting a correlation with the early-onset endothelial dysfunction found in these patients.[10]

In turn, endogenous androgens are thought to be potential mediators of CV risk in women at midlife, in addition to having been associated with CRP [15-16]. Therefore, the aim of the present study was to investigate the relationship between testosterone, CRP and ET-1 levels and the metabolic profile in a group of postmenopausal women.

SUBJECTS AND METHODS

Subjects

The study was carried out with women consulting for climacteric symptoms at the Gynecological Endocrinology Unit at Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Brazil. Fifty-three postmenopausal women fulfilling all the inclusion criteria were consecutively enrolled in the study. Inclusion criteria were as follows: 1) menopause, defined as last menstrual period at least 1 year before the beginning of the study plus follicle stimulating hormone (FSH) levels higher than 35 IU/L; 2) more than 40 years of age; 3) no use of any medication known to interfere with hormonal, glucose or lipoprotein levels in the past 3 months and 4) no use of steroidal or nonsteroidal anti-inflammatory drugs in the last 15 days. Diabetic patients or patients with thyroid, hepatic or renal dysfunction were excluded. Five patients were smokers. The study protocol was approved by the local Ethics Committee, and written, informed consent was obtained from every subject.

Study protocol

Anthropometric measurements included body weight, height, waist circumference (waist measured at the midpoint between the lower rib margin and the iliac crest), hip circumference (recorded at the level of the greater trochanter), waist-to-hip ratio (WHR), and body mass index (BMI, current measured weight in kg divided by height in m^2). Blood pressure was measured in the supine position after a 10-minute rest. The same calibrated mercury manometer attached to a 12.5 x 23 cm inflatable cuff was used in all patients by the same operator, who adopted the 5th Korotkoff sound to determine diastolic pressure. Hypertension was defined as systolic blood pressure $\geq$ 140 mmHg, diastolic blood pressure $\geq$ 90 mmHg, or current use of antihypertensive drugs.[11]

After the patients were submitted to a 3-day 300 g carbohydrate diet, two blood samples were drawn from an antecubital vein for determination of plasma glucose and insulin: one after overnight fasting, and another 2 hours after the ingestion of 75 g of glucose. FSH, luteinizing hormone (LH), estradiol, total testosterone (TT), sex hormone binding globulin (SHBG), dehydroepiandrosterone sulphate (DHEAS), fibrinogen, ET-1, CRP, total and HDL-cholesterol and triglycerides were also determined using the fasting blood sample. All samples were obtained between 8 and 10 a.m. Free androgen index (FAI) and homeostasis model assessment (HOMA) index were calculated as previously reported.[12]

Assays

Total cholesterol, HDL-cholesterol, triglycerides, and glucose were determined by colorimetric-enzymatic methods using the Bayer 1650 Advia System. LDL cholesterol was determined indirectly using the formula LDL = total cholesterol - HDL - triglycerides / 5. Serum LH and FSH were measured by electrochemiluminescence immunoassay (ECLIA), with intra and interassay coefficients of variation (CV) of 1.8% and 4.8%, respectively, for LH, and 1.8% and 3.3% for FSH. The sensitivity of the assays was 0.12 IU/L for LH and 0.05 IU/L for FSH. TT levels were measured with the RIA method (ICM, Costa Mesa, CA) with an assay sensitivity < 0.2 ng/mL and intra and interassay CV of 10% and 11.3%, respectively. Free testosterone index was estimated by dividing TT (nmol/L) by SHBG (nmol/L) x 100. Estradiol was measured by ECLIA (Roche Diagnostics, Mannheim, Germany), with an assay sensitivity of 5.0 pg/mL and intra and interassay CV of 5.7% and 6.4%. SHBG was measured by chemoluminescence enzyme immunoassay (DPC, Los Angeles, CA), with an assay sensitivity of 0.2 nmol/L and intra and interassay CV of 6.1% and 8.0%, respectively. Serum insulin levels were measured using ECLIA (Roche Diagnostics, Mannheim, Germany), with sensitivity of 0.200 μIU/ml and intra and interassay CV of 2.0% and

4.3%, respectively. SDHEA was measured by ECLIA (Roche Diagnostics, Mannheim, Germany), with sensitivity of 0.10 μg/dL and intra and interassay CV of 2.8% and 6.5%, respectively. Fibrinogen was measured by the coagulometric method (Diagnostica Stago, Asnières, France), with sensitivity of 4 s and intra and interassay CV of 3.3% and 10.0%, respectively. CRP was assayed using stored specimens, with a validated high-sensitivity nephelometric method (Dade Behring Marburg, Marburg, Germany). Sensitivity was 0.175 mg/L and intra and interassay CV were 4.4% and 5.7%, respectively. For data analysis, individual results below the limit of sensitivity were considered as equal to 0.175 mg/L. ET-1 was assayed using a luminoimmunoassay (R&D Systems) in stored EDTA plasma samples, with sensitivity of 0.5 pg/mL in our laboratory, and intra and interassay CV of 4.6% and 6.5%, respectively.

Statistical analysis

Results are expressed as means ± SD or median and interquartile range. Comparisons between the two group means were analyzed by Student's t-test; comparisons between median values were analyzed with Mann-Whitney's U test. Spearman's rank or Pearson's correlation coefficient were calculated between variables using a two-tailed significance test for variables with a Gaussian or non-Gaussian distribution, respectively. Partial correlations of TT with ET-1 and CRP were calculated (adjusted for waist circumference and time since menopause).

Comparisons between ratios were carried out using the chi-square test. All analyses were performed using the Statistical Package for the Social Sciences (SPSS, Chicago, IL, USA). Data were considered to be significant at $p<0.05$. Calculation of the sample size was based on the higher ET-1 levels observed in the pilot study in women with circulating TT ≥ 0.49 pg/mL. The sample had a power of 90%, with a significance level of 0.05.

RESULTS

The mean age of participants was of 55 (± 5) years, the age at menopause was 48 (± 3) years, and the median time since menopause was 5.5 (3-8) years. Table 1 presents the anthropometric, metabolic and hormonal profile of participants, showing that total and LDL cholesterol levels were slightly higher than reference levels. Metabolic syndrome as defined by NCEP-ATP III criteria[13] was diagnosed in eight patients (14.3%). Twelve (21%) had hypertension and 17 (34%) presented impaired glucose tolerance.

Table 2 presents metabolic and haemostatic variables and markers of inflammation and endothelial function stratified by testosterone levels in the two groups. The distribution of metabolic and haemostatic variables and markers of inflammation and endothelial function was analyzed considering TT levels in relation to 0.49 ng/mL, which was the mean value for this group (TT < 0.49 ng/mL or ≥ 0.49 ng/mL) (Table 2). No differences were found in terms of age and time since menopause between the groups. Lipid levels were also similar in both groups. The group with TT ≥0.49 ng/mL had greater BMI and waist circumference than the group with TT <0.49 ng/mL. While fibrinogen was similar, CRP and ET-1 were significantly higher in the group with TT ≥ 0.49 ng/mL.

Positive correlations were observed between TT levels and waist circumference ($r=0.516$, $p<0.001$), systolic ($r=0.475$, $p=0.001$) and diastolic pressure ($r=0.334$, $p=0.019$). TT was associated with CRP and ET-1. These correlations were independent of time since menopause and central obesity as adjusted by waist circumference by waist circumference (Table 3).

DISCUSSION

In the present study, a significant association between endogenous testosterone and ET-1 was found in postmenopausal women. To our knowledge, this is the first time this association is described in recently postmenopausal women presenting hypertension without clinical evidence of cardiovascular disease. The pro-inflammatory marker CRP was also found to be associated with testosterone levels in this population.

Evidence suggests that sex hormones may modulate plasma ET-1 levels. Webb et al.[14] found that 17β- estradiol decreased ET-1 levels in the coronary circulation of postmenopausal women. More recently, Silvestri et al.[15] also showed a reduction of ET-1 levels in postmenopausal women under oral hormone therapy. In turn, high levels of ET-1 were described by Polderman et al.[16] in a study with female-to-male transsexuals treated with testosterone.

Orio et al.[17] have recently described early impairment of endothelial function in young normal-weight PCOS patients without metabolic or cardiovascular disease. The patients presented a significant increase in carotid intima-media wall thickness, a decrease in flow-mediated dilation and increased ET-1 levels.[17] Moreover, the use of the insulin sensitizer metformin in patients with PCOS has been shown to promote overall improvement in androgenic profile, insulin resistance and ET-1 levels, without requiring concomitant changes in body weight.[18] The present study shows that the positive association between endogenous levels of testosterone and ET-1 is independent of central adiposity. Together with the studies by Orio et al.[17,18] this suggests that the association between androgens and ET-1 levels is explained, at least in part, by an obesity-independent mechanism. Further studies are needed to specifically determine the role of metabolic variables in this association.

Fibrinogen has been suggested as an independent risk factor for cardiovascular disease. Framingham Study data indicate that increases in fibrinogen impose an independent increment on cardiovascular risk in both sexes.[19] Additionally, androgens have been associated with some haemostatic factors,[20] but there is controversy concerning the relationship between androgens and fibrinogen.[21,22] In our study, fibrinogen levels were similar in the two groups stratified by testosterone levels. Taken together, these data support the notion that fibrinogen is more related to BMI[23] and lipoprotein levels than to menopausal status,[24] at least when postmenopausal women without clinical cardiovascular disease are considered.

In the present study, TT was independently associated with CRP. CRP is considered an independent predictor of CVD in both males and postmenopausal women.[8,25] Our data confirm the results of a recently published cross-sectional study in which CRP was negatively associated with SHBG and positively associated with bioavailable testosterone after adjustment for age, BMI, physical activity, alcohol consumption and tobacco use.[26] Folsom et al.,[22] analyzing a sub-sample of the ARIC study (n=57), showed that, after adjustment for age, race, and case-control status, mean CRP was 2-fold greater in the highest vs. lowest quartiles of estrone and androstenedione, and CRP was 2-fold lower across quartiles of SHBG. However, because of the sample size, not all these associations reached statistical significance.[22]

Conversely, a few studies disconfirm the association between androgenicity and CRP in specific postmenopausal sub-populations such as older patients referred to coronary angiography, stratified by the presence or absence of coronary artery disease.[27] Joffe et al.[28] found CRP to be negatively and independently correlated with SHBG and testosterone in menopausal women who subsequently developed clinical CVD, but the negative correlation between CRP and testosterone was not present in those who remained CVD-free. However, the patients in that study were older than our patients and around 20% were smokers. In addition, a positive association between

CRP and free androgen index was found when the entire group of women not using hormonal therapy was analyzed. Therefore, it is possible that the association between testosterone and CRP is not linear across the range of CRP values, appearing only with lower CRP levels, as suggested by Crandall et al.[26]

While time since menopause was not controlled in the present study, the patients included were in the early years of menopause, with no clinical evidence of disease but light hypertension in 22% of the sample. Along with the low levels of CRP, this profile may also partially explain the low prevalence of metabolic disturbances such as insulin resistance and dyslipidemia. In a previous study we found an association between insulin resistance and androgenicity.[29] However, in that study patients were older and more obese than those in the present study.

In conclusion, the present results suggest that testosterone levels in recently postmenopausal women, even within normal limits, may indicate a proatherogenic profile. Longitudinal studies are needed to determine if androgenicity represents a risk factor for cardiovascular disease and to establish the clinical relevance of the association between testosterone, ET-1 and CRP in postmenopausal women.

Acknowledgements

This study was supported by grants from Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), FAPERGS (Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Sul), FIPE-HCPA and PRONEX 26/98 (Programa de Apoio aos Núcleos de Excelência em Pesquisa).

REFERENCES

1. American Heart Association. *Heart disease and stroke statistics—2003 update*. Dallas: American Heart Association, 2002

2. Anderson T. Assessment and treatment of endothelial dysfunction in humans. *JACC* 1999;34:631-38

3. Thorand B, Baumert J, Chambless L, Meisinger C, Kobb H, Doring A, et al. for the MONICA/KORA study group. Elevated markers of endothelial dysfunction predict type 2 diabetes mellitus in middle-aged men and women from the general population. *Arterioscler Thromb Vasc Biol* 2006;26:398-405

4. Taddei S, Ghiadoni L, Virdis A, Versari D, Salvetti A. Mechanisms of endothelial dysfunction: clinical significance and preventive non-pharmacological therapeutic strategies. *Curr Pharm Des* 2003;9:2385- 402

5. Gokce N, Vita JA, McDonnell M, Forse AR, Istfan N, Stoeckl M, *et al*. Effect of medical and surgical weight loss on endothelial vasomotor function in obese patients. *Am J Cardiol* 2005;95:266-8

6. Sakkinen P, Abbott RD, Curb JD, Rodriguez BL, Yano K, Tracy RP. C-reactive protein and myocardial infarction. *J Clin Epidemiol* 2002;55:445–51

7. Ridker PM, Hennekens CH, Buring JE, Rifai N. C-reactive protein and other markers of inflammation in the prediction of cardiovascular disease in women. *N England J Med* 2000;342:836-43

8. Ridker PM, Buring JE, Shih J, Matias M, Hennekens CH. Prospective study of C-reactive protein and the risk of future cardiovascular events among apparently healthy women. *Circulation* 1998;98:731-3

9. Kim J, Montagnani M, Koh KK, Quon MJ. Reciprocal relationships between insulin resistance and endothelial dysfunction. *Circulation* 2006;113:1888-904

10. Diamanti-Kandarakis E, Spina G, Kouli C, Migdalis I. Increased endothelin-1 levels in women with polycystic ovary syndrome and the beneficial effect of metformin therapy. *J Clin Endocrinol Metab* 2001;86:4666-73

11. The JNC 7 Report (The seventh report of joint national committee on prevention detection, detection, evaluation, and treatment of high blood pressure) and the national high blood pressure education program coordinating committee. *JAMA* 2003;289:2560-72

12. Frajndlich R, Spritzer PM. Association between ovarian volume and serum insulin levels in ovulatory patients with idiopathic hirsutism. *Fertil Steril* 2005;831561-4

13. Expert Panel on Detection, Evaluation, and Treatment of High Blood Cholesterol in Adults. Executive summary of the third report of the National Cholesterol Education Program (NCEP) Expert Panel on Detection, Evaluation, and Treatment of High Blood Cholesterol (Adult Treatment Panel III). *JAMA* 2001;285:2486-97

14. Webb CM, Gathei MA, Mc Neill JG, Collins P. 17beta-estradiol decreases endothelin-1 levels in the coronary circulation of postmenopausal women with coronary artery disease. *Circulation* 2000;102:1617-22

15. Silvestri A, Gambacciani M, Vitale C, Monteleone P, Ciaponi M, Fini M, *et al.* Different effect of hormone replacement therapy, DHEAS and tibolone on endothelial function in postmenopausal women with increased cardiovascular risk. *Maturitas* 2005; 50:305-11

16. Polderman KH, Stehouwer CDA, van Kamp GJ, Dekker GA, Verheugt WA, Gooren LJG. Influence of sex hormones on plasma endothelin levels. *Ann Intern Med* 1993;118:29-432

17. Orio F Jr, Palomba S, Spinelli L, Cascella T, Tauchmanova L, Zullo F, *et al*. The cardiovascular risk of young women with polycystic ovary syndrome: an

observational, analytical, prospective case-control study. *J Clin Endocrinol Metab* 2004;89:3696-701

18. Orio FJ, Palomba S, Cascella T, De Simone B, Manguso F, Savastano S, *et al*. Improvement in endothelial structure and function after metformin treatment in young normal-weight women with polycystic ovary syndrome: results of a 6-month study. *J Endocrinol Metab* 2005; 90:6072-6
19. Meigs JB, Mittleman MA, Nathan DM, Tofler GH, Singer DE, Murphy-Sheehy PM, *et al*. Hyperinsulinemia, hyperglycemia, and impaired hemostasis: the Framingham Offspring Study. *JAMA* 2000;283:221-8
20. Sutton-Tyrrell K, Wildman RP, Matthews KA Chae C, Lasley BL, Brockwell S, *et al*. for the SWAN Investigators. Sex hormone–binding globulin and the free androgen index are related to cardiovascular risk factors in multiethnic premenopausal and perimenopausal women enrolled in the study of women across the nation (SWAN). *Circulation* 2005;111:1242-9
21. Sowers MR, Jannausch M, Randolph JF, McConnell D, Little R, Lasley B, *et al*. Androgens are associated with hemostatic and inflammatory factors among women at the mid-life. *J Clin Endocrinol Metab* 2005;90:6064-71
22. Folsom AR, Golden SH, Boland LL, Szklo M. Association of endogenous hormones with C-reactive protein, fibrinogen, and white blood count in post-menopausal women. *Eur J Epidemiol* 2005; 20:1015-22
23. Nacul AP, Andrade CD, Schwarz P, Homem de Bittencourt Jr PI, Spritzer AP. Nitric oxide and fibrinogen in polycystic ovary syndrome: associations with insulin resistance and obesity. *Eur J Obst Gynecol Reprod Biol,* 2007, *in press*
24. Pripp U, Eriksson-Berg M, Orth-Gomer K, Schenck-Gustafsson K, Landgren BM. Does body mass index, smoking, lipoprotein levels, surgically induced menopause, hormone replacement therapy, years since menopause, or age affect hemostasis in postmenopausal women? *Gend Med* 2005;2:88-95

25. Danesh J, Whincup P, Walker M, Lennon L, Thomson A, Appleby P, *et al.* Low grade inflammation and coronary heart disease: prospective study and updated meta-analyses. *BMJ* 2000;321:199-204

26. Crandall C, Palla S, Reboussin B, Hu P, Barret-Connor E, Reuben D, Greendale G. Cross-sectional association between markers of inflammation and serum sex steroid levels in the postmenopausal estrogen/progestin interventions trial. *J Women's Health* 2006;15:14-23

27. Kaczmarek A, Reczuch K, Majda J, Banasiak W, Ponikowski P. The association of lower testosterone level with coronary artery disease in postmenopausal women. *Int J Cardiol* 2003;87:53-7

28. Joffe HV, Ridcker PM, Manson NR, Buring JE, Rexrode KM. Sex hormone-binding globulin and serum testosterone are inversely associated with C-reactive protein levels in postmenopausal women at high risk for cardiovascular disease. *Ann Epidemiol* 2006;16:105-12

29. Maturana MA, Spritzer PM. Association between hyperinsulinemia and endogenous androgen levels in peri- and postmenopausal women. *Metabolism* 2002;51:238-43

Table 1. Baseline characteristics of postmenopausal study participants (n=53)

	Mean	**SD**
Age (yr)	55	5
Age at menopause (yr)	48	3
Time since menopause (yr)	5.5	(3-8)*
BMI (kg/m^2)	27	4
Waist circumference (cm)	88	10
Estradiol (pg/mL)	13	7
Testosterone (pg/mL)	0.49	0.23
FAI *	2.9	(2.2-4.6)
Fasting glucose (mg/dL)	93	10
Total cholesterol (mg/dL)	220	37
HDL-C (mg/dL)	57	10
LDL-C (mg/dL)	141	31
Triglycerides (mg/dL)	113	47
Fasting insulin (μIU/mL)	7.6	3
FSH (mIU/mL)	85	33

*Median (and interquartile range); BMI: body mass index.

Table 2. Distribution of metabolic, haemostatic, inflammatory and vasomotor markers by total testosterone levels

TT levels (n)	**< 0.49 (n=32)**	**≥ 0.49 (n=21)**	**P**
Age (yr)	55 ± 5	54 ± 5	0.846
Time since menopause*	6 (3-8)	5 (3-9)	0.908
Testosterone (pg/mL)	0.34 ± 0.08	0.69 ± 0.18	<0.001
FAI*	2.5 (1,5-3.2)	5.3 (3.39-6.8)	<0.001
HOMA	1.7 ± 0.8	2.7 ± 1.0	0.499
SHBG (nmol/L)*	53 (38-76)	44 (31-73)	0.273
BMI (kg/m^2)	25 ±3	27 ± 2	0.005
Waist circumference (cm)	84 ± 7.9	92 ± 7	0.002
Hypertension (%)†	5 (15)	7 (34)	0.136
Fibrinogen (mg/dl)	323± 122	350 ± 134	0.469
CRP (mg/L)*	0.175 (0.175-0.610)	1.170 (0.175-2.360)	0.039
Endothelin-1 (pg/mL)*	0.81 (0.74-0.84)	0.84 (0.81-0.97)	0.023

TT: total testosterone; BMI: body mass index; CRP: C-reactive protein
Student T test or [a]Mann-Whitney U test (median IQR:25-75%); [b]Chi-Square test

Table 3. Cross-sectional association of total testosterone with ET-1 and CRP levels, adjusted by waist circumference and time since menopause

	Testosterone (pg/mL)	P
ET-1(pg/mL)	0.365	0.024
CRP (us)(mg/L)	0.466	0.008

ARTIGO 3

Free androgen index and endothelial function in postmenopausal women

Maturana MA[1], Rubira MC, Irigoyen MC[2,3] ,Spritzer PM[1,2]

Free androgen index and endothelial function in postmenopausal women

Maturana MA[1], Rubira MC, Irigoyen MC[2,3] ,Spritzer PM[1,2]

[1] Gynecological Endocrinology Unit, Division of Endocrinology, Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Porto Alegre, Brazil; [2] Department of Physiology, Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Porto Alegre, Brazil; [3]INCOR, São Paulo, Brazil.

Running title: FAI and endothelial function in menopause

ABSTRACT

Objective: To assess the influence of free androgen index on endothelial function in postmenopausal women.

Design: Cross-sectional study. 26 postmenopausal women were submitted to dorsal hand vein compliance technique. Acetylcholine (Ach) and sodium nitroprusside (NPS) dose-response curves were constructed to test the endothelium-dependent and –independent relaxation, respectively. Patients were stratified in 2 groups according to free androgen index (FAI).

Results: Mean age was 54 years (±4) and median time of menopause was 6 years (interquartile range: 3-9). Waist-to-hip ratio was significantly higher in the group with FAI > 2.5. Maximum vasodilatation (VD) with Ach and with NPS was similar across the groups stratified by FAI. The median dose of Ach for maximum vasodilatation was higher in the FAI group > 2.5 (36 (0.36-360) ng/mim) than in the group of FAI ≤ 2.5 (720 (360- 3600) ng/mim) p=0.005. Positive correlations were observed between Ach doses for maximum VD and FAI (r=0.473, p=0.015), waist (r=0.510, p= 0,011), and waist-to-hip ratio (r=0.479, p= 0.021). Sex hormone binding globulin (SHBG) was negatively correlated with Ach doses (rs= - 0.400 p=0.043).

Conclusion: The results from this study suggest that FAI, even if still in the normal limits, is related to early changes on endothelial function in recently postmenopausal, healthy women. Longitudinal studies are needed to evaluate the clinical relevance of these findings.

Key words: menopause, androgens, vasodilation, vascular endothelium, dorsal hand vein

INTRODUCTION

Cardiovascular disease (CVD) is the leading cause of death among men and postmenopausal women in underdeveloped (Mansur et al., 2006) and developed countries (Stramba-Badiale et al., 2006; AHA, 2004). Women develop heart disease later in life than men and this gender disparity in cardiovascular disease has been interpreted primarily as reflecting estrogen-mediated protection against atherogenesis (Mendelsohn, 2005).

Recent studies show that androgens can influence cardiovascular risk and vascular function differently according to the gender disparity. In men, testosterone is inversely correlated with cardiovascular risk factors, such as arterial wall thickness (Muller et al., 2004), blood pressure (Svartberg et al., 2004), obesity and metabolic syndrome (Chen et al., 2006), and presence and extension of coronary disease (Dobrzycki et al., 2003). In women, androgen levels are positively correlated with risk factors of CVD in menacme (Coviello et al., 2006; Diamanti-Kandarakis et al., 2006; Sowers et al., 2005), and in postmenopausal women (Golden et al., 2004; Maturana & Spritzer, 2002; Phillips et al., 1997)

Endothelial dysfunction is one of the early signs of cardiovascular damage (Mombouli et al., 1999). In women with hiperandrogenic syndromes, markers of endothelial dysfunction are present, even in the absence of other cardiovascular risk factors (Orio et al, 2004). In postmenopausal women, androgens and SHBG are related to inflammatory endothelial markers (Sutton-Tyrrel et al., 2005; Crandall et al., 2006). Therefore, the aim of the present study was to assess the influence of free androgen index on endothelial function in apparently healthy postmenopausal women.

SUBJECTS and METHODS

Subjects

The study was carried out whith women consulting for climateric symptoms at Gynecological Endocrinology Unit at the Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Brazil. Twenty-six postmenopausal women were enrolled in the study. Inclusion criteria were as follows: 1) menopause, defined as last menstrual period at least 1 year before the beginning of the study plus FSH levels higher than 35 IU/L; 2) Age between 40 and 65 years; 3) no use of any medication known to interfere with hormonal, glucose or lipoprotein levels in the past 3 months and 4) no use of steroidal or nonsteroidal anti-inflammatory drugs in the last 15 days. Smokers or patients with high blood pressure, diabetes or thyroid, hepatic or renal dysfunction were excluded. The study protocol was approved by the local Ethical Committee, and written, informed consent was obtained from every subject.

Study protocol

Anthropometric measurements included body weight, height, waist circumference, hip circumference (recorded at the level of the greater trochanter), waist-to-hip ratio (WHR), and BMI (current measured weight in kg divided by height in m^2). Blood pressure was measured after a 10-minute rest, with the woman in the sit position. The same calibrated mercury manometer attached to a 12.5 x 23 cm inflatable cuff was used in all patients by the same operator, who adopted the 5th Korotkoff sound to determine diastolic pressure. Hypertension was defined as systolic blood pressure $\geq$ 140 mmHg, diastolic blood pressure $\geq$ 90 mmHg, or current use of antihypertensive drugs (The JNC 7 Report, 2003).

After the patients were submitted to a 3-day 300 g carbohydrate diet, two blood samples were drawn from an antecubital vein for determination of serum glucose and insulin: one after overnight fasting, and then again 2 hours after the ingestion of 75 g of glucose. All samples were obtained between 8 and 10 a.m. The free androgen index (FAI) and the HOMA index were calculated as described elsewhere (Frajndlich & Spritzer, 2005). Patients were stratified by free androgen index (FAI) using as the cutoff the median FAI obtained in the whole sample of participants.

Assays

Total cholesterol, HDL-cholesterol, triglycerides, and glucose were determined by colorimetric-enzymatic methods using the Bayer 1650 Advia System. LDL cholesterol was determined indirectly using the formula LDL = total cholesterol - HDL - triglycerides / 5. Serum LH and FSH were measured by Electrochemoluminescence Immunoassay (ECLIA), with intra and inter-assay coefficients of variation (CV) of 1.8% and 4.8%, respectively for LH, and 1.8% and 3.3% for FSH. The sensitivity of the assays was 0.12 IU/L for LH and 0.05 IU/L for FSH. TT levels were measured with the RIA method (ICM, Costa Mesa, CA) with an assay sensitivity < 0.2 ng/mL and intra and inter-assay CV of 10% and 11.3%, respectively. Free testosterone index was estimated by dividing TT (nmol/L) by SHBG (nmol/L) x 100. SHBG was measured by chemoluminescence enzyme immunoassay (DPC, Los Angeles, CA), with an assay sensitivity of 0.2 nmol/L and intra and inter-assay CV of 6.1% and 8.0%, respectively. Serum insulin levels were measured using ECLIA (Roche Diagnostics, Mannheim, Germany), with sensitivity of 0.200 μIU/ml and intra and inter-assay CV of 2.0% and 4.3%, respectively.

Dorsal hand vein technique

The dorsal hand vein technique, as used in our laboratory, has been described elsewhere (Sabha et al., 1990). Briefly, a 23 G butterfly needle was inserted into a suitable vein on the back of the hand, with the arm positioned at an upward angle of 30° to allow the complete emptying of the veins. A tripod, holding a linear variable differential transformer (LVDT, Schaevitz Engineering Pennsauken, New Jersey, USA) was mounted on the back of the hand with its central aperture, containing a movable metal core at a distance of 10 mm downstream from the tip of the needle. The signal output of the LVDT, which is linearly proportional to the vertical movement of the core, gave a measurement of the diameter of vein. Readings were taken under a congestive pressure of 40 mm Hg by inflating a blood pressure cuff placed on the upper portion of the arm under study. Results were presented as normalized dose-response curves in which the diameter of the vein during saline infusion is defined as 100% dilation. The vein was pre-constricted to 70% of baseline size by infusing increasing doses of phenylephrine (Winthrop Lab, New York,USA;doses: 12-3166 ng/min). This dose rate of phenylephrine was defined as the ED 70 dose and this degree of constriction was defined as 0% dilation for the purposes of subsequent calculations. The vasodilation effects expressed in this study were calculated as a percentage in the range between 0% and 100% dilation. Drugs were infused using a Harvard infusion pump (Harvard Apparatus, South Natick, MA, USA) at a flow rate of 0.3 mL/min. Blood pressure and heart rate were monitored in the opposite arm with a Dynamap Bllod Pressure Monitor (Critikon, Tampa, FL, USA). After pre-constriction of the vein by phenylephrine, acetylcoline (Ach: 0.36- 3.600 ng/min) (Divisão de Farmácia da Universidade de São Paulo, Brazil) and/or sodium nitroprusside (SNP) (Biolab Sanus Ltda, Brazil) were administered with 5 ng/mim infusion rates, to obtain endothelium dependent or

independent mediated responses, respectively. Infusions at each rate lasted for 5 min with the sphygnomanometer cuff inflated to 45 mmHg for the last 2 min of the infusion.

Statistical analysis

Results are expressed as means ± SD or median and interquartile range. Comparisons between the two group means were analyzed by Student's t-test; comparisons between median values were analyzed with Mann-Whitney's U test. Spearman's rank or Pearson's correlation coefficients were calculated between variables using a two-tailed significance test for variables with a Gaussian or non-Gaussian distribution, respectively. Analyses were performed using the Statistical Package for Social Sciences (SPSS, Chicago, IL, USA). Data were considered to be significant at $p<0.05$.

RESULTS

The mean age of participants was 54 ± 4 years, the age of menopause was 48 ± 3 years, and median time after menopause was 6 (3-9) years. Mean systolic pressure was 123 ±8 mmHg and mean diastolic pressure was 80 ± 6 mmHg. The mean fasting glucose was 94± 10 mg/dl and HDL-C was 57 ± 10 mg/dl. Mean testosterone levels were 0.41 ±0.21 ng/mL and median SHBG levels were 54 (34-78) nmol/L.

Table 1 presents antrophometric, metabolic and vasodilatation variables related to endothelial function in the two groups stratified by FAI median. While waist and metabolic variables were similar in the two groups, WHR was higher in the group with FAI > 2.5. Ach induced maximum flow-dilatation did not differ between the groups, but women with FAI > 2.5 needed median doses of acetylcholine that were 20 times greater than those used by the group with FAI < 2.5 to obtain a similar venodilation in response to Ach infusion.

A positive correlation was found between Ach doses for maximum VD and FAI (rs=0.473 p=0.015) (Figure 1).

DISCUSSION

The results of the present study show an association between androgenicity and a state of decreased endothelial sensitivity to acetylcholine in post-menopausal women without clinical evidence of associated diseases and low cardiovascular risk. Women with FAI > 2.5 needed median doses of acetylcholine that were 20 times greater than those used by the group with FAI < 2.5 to obtain a similar venodilation in response to Ach infusion. To our knowledge, this is the first time this association is reported in postmenopausal women.

Literature data have shown that natural menopause is positively associated with changes on endothelial function (Taddei et al., 1996; Sanada et al., 2003; Lima et al., 2005), although the presence and number of risk factors seem to determine the degree of endothelial dysfunction (Ishibashi et al., 2006).

Although the present study was performed in a carefully selected healthy postmenopausal women group, the analysis of the impact of the free androgen index on venodilation by the dorsal hand vein technique does not exclude the presence of other factors that potentially alter vascular reactivity (Grundy et al., 1998; Zhang et al., 2006;Creatsas et al, 2005; Knopp, 2002).

Evidences for a role of testosterone in the development of cardiovascular disease have increased in the last decades (Liu et al., 2003; Thompson & Khalil, 2003). Recent studies show that testosterone levels in men are inversely related to cardiovascular risk factors such as arterial wall thickness (Muller et al., 2004), blood pressure (Svartberg et al., 2004), obesity and metabolic syndrome (Chen et al., 2006) and presence and extension of coronary disease (Dobrzycki et al., 2003). In postmenopausal women, endogenous androgen levels have been associated with insulin resistance, diabetes, central obesity and hypertension (Maturana & Spritzer, 2002; Ding et al. 2006; Phillips et al.1997), as well as with cardiovascular outcomes (Rexrode et al., 2003).

In men it is proposed that the positive influence of testosterone upon vascular reactivity may be observed only when vascular reactivity is sufficiently impaired, as in the case in atherosclerotic vessels (Webb et al., 1999). In turn, there are few studies evaluating testosterone levels and vascular reactivity in women. Subcutaneous physiological testosterone therapy has been shown to increase brachial artery vasodilation in women already receiving long-term oestrogen replacement therapy (Worboys et al, 2001). Similar responses have been described in experimental studies (Honda et al., 1999; Jones et al., 2004). In our population, although women were separated in two groups with high and low FAI levels, both values were still in normal limits. It is possible that if the spectrum of FAI levels included subjects with higher levels of FAI we could detect some differences in maximum venodilation responses.

Endothelial cells release substances acting directly on vascular smooth muscle (VSM) cells, causing either relaxation or contraction. Several endothelium-derived substances causing smooth muscle relaxation have been isolated: nitric oxide (NO), prostacyclin (PGI_2), epoxyeicosatrienoic acids and endothelium-derived hyperpolarizing factor (EDHF). Endothelium-derived vasoconstricting factors are also secreted, such as prostaglandins, reactive oxygen radicals and endothelin-1 (Luz et al., 2003; Maturana et al., 2006 submitted).

In the present study, the response to Ach was used to estimate endothelial functionality, whereas the response to SNP tests the integrity of smooth muscle function. Ach interacts with M_3 muscarinic receptor on the endothelial surface, which initiates a sequence of intracellular events leading to NO synthesis, although prostacyclin and hiperpolarizing factor release may also be induced. NO diffuses across the endothelial cell and basement membrane, binds to guanylate cyclase, leading to an increase in intracellular cyclic guanosine monophosphate and, ultimately, smoth muscle relaxation and vasodilation. By contrast, SNP decomposes to release

NO, which interacts with the vascular smooth muscle guanyl cyclase to produce vasodilation in an endothelium-independent way.

Since testosterone modulates the expression of muscarinic acetylcholine receptor (mAChR) subtypes in different tissues, including smooth muscle cells (Maróstica et al., 2005; Bush & Borda, 2003), we can speculate that such mechanism could be involved in the present observation that women with FAI > 2.5 needed median doses of acetylcholine significantly greater than those used by the group with FAI < 2.5 to obtain a similar venodilation in response to Ach infusion: women with higher bioactive androgen concentrations could have different expression of vascular muscarinic receptor which differently modulates venodilation response.

Vascular tone is defined as the degree of constriction of a blood vessel relative to its maximal diameter in the dilated state. Under basal conditions, most resistance and capacitance vessels exhibit some degree of smooth muscle contraction that determines the diameter or tone of the vessel. Vascular tone is influenced by both the endothelium and VSM. Gender differences in vascular tone have been described in a multitude of vascular beds in both human and experimental animals, suggesting that sex hormones can be involved (Orshall et al., 2004)

Effects of testosterone are found to be both endothelium dependent and independent (Khalil, 2005; Jones et al., 2004; Honda et al., 1999; Webb 1999). In addition, androgen receptors are expressed in endothelium and VSM of vascular tissue (Khalil, 2005)

Androgens have been related to cardiovascular risk factors and endothelial dysfunction in women in reproductive years (Meyer et al, 2005; Coviello et al, 2006; Orio et al, 2004, Nácul et al, 2006) and in post-menopause (Liu et al., 2003; Reckelhoff & Forteppiani, 2004). In women with polycystic ovary syndrome (PCOS) impaired endothelial function and decreased endothelium-dependent vasodilation have been shown (Tarkun et al., 2004). Recent studies have also shown that the endothelial

dysfunction coexist and is influenced by low-grade chronic inflammation in PCOS (Diamanti-Kandarakis et al., 2006; Brinkwhorth et al., 2006; Carmina et al, 2006; Blake & Ridker, 2002) as well as in post-menopausal women (Joffe et al., 2006; Crandall et al, 2006). We have recently shown that androgenicity is related to higher reactive C protein and endothelin-1 in postmenopausal women (Maturana et al, submitted 2006)

In conclusion, data of the present study indicate that endogenous androgens may be associated with a reduced vasodilation response to acetylcholine, an early marker of endothelial dysfunction in apparently healthy postmenopausal women. This suggests that androgenicity may be part of a risk profile related to endothelial dysfunction and preclinical cardiovascular disease, observed in the post-menopause.

Acknowledgements

This study was supported by grants from Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), FAPERGS (Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Sul), FIPE-HCPA and PRONEX 26/98 (Programa de Apoio aos Núcleos de Excelência em Pesquisa).

REFERENCES

1. AHA Scientific Statement 2004. Evidence-Based Guidelines for Cardiovascular Disease Prevention in Women. Arterioscler. Thromb. Vasc. Biol. 2004;24:29-50
2. Blake GJ, Ridker PM.Inflammatory bio-markers and cardiovascular risk prediction. J Intern Med 2002;252:283-294 ??
3. Brinkworth G, Noakes M, Moran LJ, Norman R, Clifton P. Flow-mediated dilatation in overweight and obese women with polycystic ovary syndrome. BJOG 2006; 113:1308-1314
4. Bush L & Borda E. Castration decreases amylase release associated with muscarinic acetylcholine receptor downregulation in rat parotid gland. British Journal of Pharmacology 2003; 139: 399 – 407.
5. Caramori PR & Zago AJ. Endothelial dysfunction and coronary artery disease. Arq Bras Cardiol. 2000; 75:163-182
6. Carmina E, Orio F, Paloma S, Longo RA, Cascella T, Colao A, Lombardi G, Rini GB, Lobo RA. Endothelial dysfunction in PCOS: role of obesity and adipose hormones. Am J Med 2006; 119: 356.e 1-6
7. Chen RY, Wittert GA, Andrews GR. Relative androgen deficiency in relation to obesity and metabolic status in older men. Diabetes Obes Metab 2006; 8: 429-435
8. Coviello AD, Legro RS, Dunaif A. Adolescent girls with polycystic ovary syndrome have an increased risk of the metabolic syndrome associated with increasing androgen levels independent of obesity and insulin resistance. J Clin Endocrinol Metab 2006; 91: 492-497
9. Crandall C, Palla S, Reboussin B, Hu P, Barret-Connor E, Reuben D, Greendale G. Cross-sectional association between markers of inflammation and serum sex steroid levels in the postmenopausal estrogen/progestin interventions trial. J Women's Health 2006; 15 (1): 14-23.

10. Creatsas G, Christodoulakos G, Lambrinoudaki I. Cardiovascular disease: screening and management of the a-symptomatic high-risk post-menopausal woman. Maturitas 2005;52:S32-7

11. Diamanti-Kandarakis E, Alexandraki K, Piperi C, Protogerou A, Katsikis I, Paterakis T, Lekakis J, Panidis D. Inflammatory and endothelial markers in women with polycystic ovary syndrome. Eur J Clin Invest 2006; 36:691-697.

12. Ding EL, Song Y, Malik VS, Liu S. Sex differences of endogenous sex hormones and risk of type 2 diabetes: a systematic review and meta-analysis. JAMA 2006 15; 295:1288-1299

13. Dobrzycki S, Serwatka W, Nadlewski S, Korecki J, Jackowski R et al. An assessment of correlations between endogenous sex hormone levels and the extensiveness of coronary heart disease and the ejection fraction of the left ventricle in males. J Med Invest 2003; 50: 162-169

14. Fadel PJ, Wang Z, Watanabe H, Arbique D, Vonqpatanasin W, Thomas GD. Augmented sympathetic vasoconstriction in exercising forearms of postmenopausal women is reversed by oestrogen therapy.J Physiol 2004;561:893-901

15. Folsom AR, Golden SH, Boland LL, Szklo M. Association of endogenous hormones with C-reactive protein, fibrinogen, and white blood count in post-menopausal women. European Journal of Epidemiology 2005; 20:1015-1022

16. Golden SH, Ding J, Szklo M, Schimidt MI, Duncan B, Dobs A. Glucose and Insulin Components of the Metabolic Syndrome Are Associated with Hyperandrogenism in Postmenopausal Women. The Atherosclerosis Risk in Communities Study. Am J Epidemiol 2004; 160:540-548

17. Grundy SM, Balady GJ, Criqui MH, Fletcher G, Greenland P et al. Primary Prevention of Coronary Heart Disease: Guidance From Framingham. A

Statement for Healthcare Professionals From the AHA Task Force on Risk Reduction. Circulation 1998; 97:1876-1887

18. Honda H, Unemoto T, Kogo H. Different Mechanisms for Testosterone-Induced Relaxation of Aorta Between Normotensive and Spontaneously Hypertensive Rats. Hypertension 1999; 34: 1232-1236

19. Ishibashi Y, Takahashi N, Shimada T, Sugamori T, Sakane T, Umeno T, Hirano Y, MD; Oyake N, Murakami Y. Short Duration of Reactive Hyperemia in the Forearm of Subjects With Multiple Cardiovascular Risk Factors. C*irc J* 2006; 70: 115 –123

20. Joffe HV, Ridcker PM, Manson NR, Buring JE, Rexrode KM. Sex Hormone-Binding Globulin and Serum Testosterone are Inversely Associated with C-Reactive Protein Levels in Postmenopausal Women at High Risk for Cardiovascular Disease. Ann Epidemiol 2006; 16:105-112

21. Jones RD, English KM, Jones H, Channer KS. Testosterone-induced coronary vasodilatation occurs via a non-genomic mechanism: evidence of a direct calcium antagonism action. Clinical Science 2004; 107: 149-158

22. Kaaja RJ & Poyhonen-Alho MK. Insulin resistance and sympathetic overactivity in women. J Hypertens 2006;24:131-41

23. Khalil RA. Sex hormones as potencial modulators os vascular function in hypertension. Hypertension 2005; 46:249-254.

24. Knopp RH. Risk factors for coronary artery disease in women. Am J Cardiol 2002; 89(12A):28E-34E

25. Komatsumoto S & Nara M. Changes in the level of endothelin-1 with aging. Nippon Ronen Igakkai Zasshi 1995; 32:664-669.

26. Lima SM, Aldrighi JM, Consolin-Colombo FM, Mansur Ade P, Rubira MC, Krieger EM, Ramires JÁ. Acute administration of 17beta-estradiol improves

endothelium-dependent vasodilation in postmenopausal women. Maturitas 2006; 50:266-74

27. Liu PY, Death AK, Handelsman DJ. Androgens and cardiovascular disease. Endocrine Reviews 2003;313-340

28. Luz PL, Laurindo FRM, Chagas ACP. Endotélio & doenças cardiovasculares. São Paulo: Atheneu. 2003;2:17-32.

29. Mansur AP, de Souza MFM, Timerman A, Avakian SD, Aldrighi JM, Ramires JAF. Trends in the Risk of Death from Cardiovascular, Cerebrovascular and Ischemic Diseases in thirteen states of Brazil from 1980 to 1998. Arq Bras Cardiol 2006; 87 : 641-648

30. Marostica E, Avellar MCW, Porto CS. Effects of testosterone on muscarinic acetylcholine receptors in the rat epididymis. Life Sciences 2005; 77:656-669.

31. Maturana MA & Spritzer PM. Association between hyperinsulinemia and endogenous androgen levels in peri- and postmenopausal women. Metabolism 51(2): 238-43, 2002.

32. Maturana MA, Yrigoyen MC, Spritzer PM. Menopause, Estrogens and Endothelial Dysfunction: Current Concepts. Clinics, in press 2006

33. Maturana MA, Breda V, Lhullier F, Spritzer PM. Endogenous testosterone is associated with endothelin-1 and C-reactive protein in postmenopausal women. Maturitas, submitted, 2006

34. Mendelsohn ME & Karas RH. Molecular and Cellular Basis of Cardiovascular Gender Differences. Science 2005;308:1583-1587

35. Meyer C, McGrath BP, Teede HJ. Overweight women with polycystic ovary syndrome have evidence of subclinical cardiovascular disease. J Endocrinol Metab 2005; 90:5711-6

36. Mombouli JV, Vanhoutte PM. Endothelial dysfunction:from physiology to theraphy. J Mol Cell Cardiol. 1999;31:61-74.

37. Muller M, van den Beld AW, Bots ML, Grobbee DE, Lamberts SWJ et al. Endogenous sex hormones and progression of carotid atherosclerosis in elderly mem. Circulation 2004;109:2074-2079

38. Nacul AP, Andrade CD, Schwarz P, de Bittencourt PI Jr, Spritzer PM. Nitric oxide and fibrinogen in polycystic ovary syndrome: Associations with insulin resistance and obesity. Eur J Obstet Gynecol Reprod Biol. In press, 2006

39. Orio F Jr, Palomba S, Cascella T, De Simone B, Di Biase S, Russo T, Labella D, Zullo F, Lombardi G, Colao A Early impairment of endothelial structure and function in young normal-weight women with polycystic ovary syndrome. J Clin Endocrinol Metab 2004; 89:4588-4593

40. Orshal JM & Khalil RA. Gender, sex hormones and vasculat tone. Am J Physiol Regul Integr Comp Physiol 2004; 286: R233–R249

41. Phillips GB, Jing TY, Laragh JH. Serum sex hormone levels in postmenopausal women with hypertension. J Human Hypertens 1997; 11:523-526

42. Reckelhoff J & Fortepiani LA. Novel Mechanisms Responsible for Postmenopausal Hypertension. Hypertension 2004; 43:918-923.

43. Rexrode KM, Manson JE, Lee I-M, Ridcker PM, Sluss PM, Cook NR, Buring JE. Sex hormone levels and risk of cardiovascular events in postmenopausal women. Circulation 2003; 108:1699-1693

44. Sanada M, Higashi Y, Nakagawa K, Kodama I, Tsuda M, Nagai N et al. Comparison of forearm endothelial function between premenopausal and postmenopausal women with or without hypercholesterolemia. Maturitas 2003; 44: 307-315

45. Seals D, Esler M. Human ageing and the sympathoadrenal system. J Physiol. 2000;528:407–417.

46. Smith TW,Balligand JL, Kaye DM, Wiviott SD, Simmons WW, Han X, Michel T, Singh K, Kelly RA. The role of the NO pathway in the control of cardiac function. J Card Fail 1996; 2: S141-7

47. Sowers MR, Jannausch M, Randolph JF, McConnell D, Little R, Lasley B, Pasternak R, Sutton-Tyrrell K, Matthews KA. Androgens are associated with hemostatic and inflammatory factors among women at the mid-life. J Cin Endocrinol Metab 2005; 90:6064-6071

48. Stener-Victorin E, Ploj K, Larsson BM, Holmäng A. Rats with steroid-induced polycystic ovaries develop hypertension and increased sympathetic nervous system activity. Reprod Biol Endocrinol. 2005; 3: 44

49. Stramba-Badiale M, Fox KM, Priori SG, Collins P, Dali C, Graham I, Jonsson B, Schenck-Gustafsson K, Tendera M. Cardiovascular diseases in women: a statement from the policy conference of the European Society of Cardiology. Eur Heart J 2006;27:994-1005

50. Supiano MA, Hogikyan RV, Sidani MA, Galecki AT, Krueger JL. Sympathetic nervous system activity and alpha-adrenergic responsiveness in older hypertensive humans. Am J Physiol 1999;276: 519–28

51. Sutton-Tyrrell K, Wildman RP, Matthews KA Chae C, Lasley BL, Brockwell S, Pasternak RC, Lloyd-Jones D, Sowers MF, Torréns JI; for the SWAN Investigators. Sex hormone–binding globulin and the free androgen index are related to cardiovascular risk factors in multiethnic premenopausal and perimenopausal women enrolled in the study of women across the nation (SWAN). Circulation. 2005;111:1242-1249

52. Svartberg J, von Muhlen D, Schirmer H, Barret-Connor E, Sundfjord J, Jorge R. Association of endogenous testosterone with blood pressure and left ventricular mass in men. The Tromso Study. Eur J Endocrinol 2004; 150:65-71

53. Taddei S, Virdis A, Ghiadoni L, Mattei P, Sudano I, Bernini G et al. Menopause is associated with endothelial dysfunction in women. Hypertension 1996; 28:576-582

54. Tarkun I, Arslan BC, Canturk Z, Turemen E, Sahin T, Duman C. Endothelial dysfunction in young women with polycystic ovary syndrome: relationship with insulin resistance and low-grade chronic inflammation.J Clin Endocrinol Metab 2004; 89:5592-5596

55. The JNC 7 Report (The seventh report of joint national committee on prevention detection, detection, evaluation, and treatment of high blood pressure) and the national high blood pressure education program cordinating committee. JAMA 2003; 289:2560-2572

56. Thompson J & Khalil RA. Gender differences in the regulation of vascular tone. Clin Exp Pharmacol Physiol 2003; 30:1-15

57. Webb CM, McNeil JG, Hayward CS, de Zeigler D, Collins P. Effects of testosterone on coronary vasomotor regulation in men with coronary heart disease. Circulation 1999; 100: 1690-1696

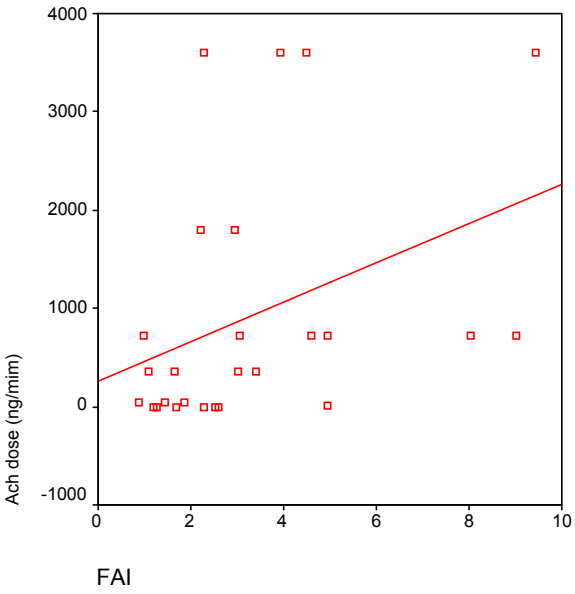
58. Zhang WZ, Venardos K, Chin-Dusting J, Kaye DM. Adverse effects of cigarette smoke on NO bioavailability: role of arginine metabolism and oxidative stress.Hypertension 2006; 48:278-285

Table 1. Distribution of anthropometric, metabolic and vasomotion markers in full sample and by FAI median

FAI Median	**Full sample**	**1** ≤ **2.5 (n=12)**	**2** **> 2.5 (n=14)**	P
Waist (cm)	86 (8)	82 (8)	89 (8)	0.073
RCQ	0.84 (0.07)	0.81 (0.06)	0.86 (0.07)	0.049
Testosterone	0.41 (±0.21)	0.29 (±0.06)	0.51 (±0.26)	0.009
FAI	2.5 (1.1-2.1)	1.5 (1.1-2.1)	4.7 (2.9-5.7)	< 0.001
Total Cholesterol (mg/dL)	221 (42)	217 (40)	224 (44)	0.647
Triglycerides (mg/dL	107 (50)	101 (48)	113 (53)	0.537
HOMA [a]	1.6 (1-2.5)	1.4(1-2.2)	2.2 (1-3.4)	0.301
MaxVD (%)	80 (49)	73 (58)	89 (41)	0.217
Ach Max VD (ng/min) [a]	360 (2.8-990)	36 (0.36-360)	720 (360-3600)	**0.005**
Max. VD with SNP (%)	146 (55)	144 (58)	145 (57)	0.938

Values are expressed as mean and SD (Student T-test) or median and interquartile range (Mann-Whitney U test) [a] MaxVD: maximum venodilation with acetylcholine; Ach Max VD: acetylcholine doses for maximum VD; VC: venoconstriction after phenylephrine; Max VD with SNP: maximum venodilation with sodium nitroprusside

Figure 1. Correlation between Ach dose for maximum VD and FAI



rs=0.473 p=0.015

ANEXOS

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

UNIDADE DE ENDOCRINOLOGIA GINECOLÓGICA

DATA: _____

I. IDENTIFICAÇÃO:

Registro :_____

Nome:_____ _____

DN: ___ /___/____ Idade: _____

Cor: B( ) P( ) PD( )

Endereço: rua_____ Nº _____ apto:_____

Bairro:_____ _____CEP_____Cidade:_____

Telefone:_____--

2 ANTECEDENTES GINECO - OBSTÉTRICOS:

Menarca: _____

DUM:____/____/____ Idade de menopausa _____ Tempo de amenorréia:_____

Tipo menstrual no último ano antes de cessar menstruação:

( ) regular: ____I____ dias ( ) irregular ( ) não lembra

Paridade:G___P___A___ Infertilidade: ( ) sim ( ) não

Método (s) anticoncepcional(is): ( ) ACO Tempo de uso:_____

( ) DIU ( ) Outro ou nenhum

Terapia hormonal prévia: ( ) NÃO

( ) SIM Tipo: _____ Tempo de uso:_____

Tipo: _____ Tempo de uso: _____

Ano que usou:_____

Tempo decorrido desde o último tratamento: _____

Sintomas: ( ) Fogachos ( ) Insônia ( ) Dispareunia ( ) IU repetição ( )

Outro_____

3. HISTÓRIA PREGRESSA:

1. DCV: ( ) Sim ( ) Não

( ) HAS ( ) Cerebrovascular ( ) outra Qual: _____

2. Outra:

( ) Diabete melito ( ) tireoideopatia

( ) câncer ( ) Outro

Especificar:_____

4. MEDICAÇÕES EM USO:

_____

5. Tabagismo: ( ) Não

( ) Sim cig/dia:_____ tempo de uso: _____

( ) História de uso tempo de uso: _____

tempo desde que cessou uso: _____

6. Álcoolismo: ( ) sim ( )não

7. História familiar (doença cardiovascular, DM, tireoideopatia, CA ginecológico - mama, útero, colo, etc):

:_____

B. EXAME FÍSICO:

1. CV:_____ FC: _____

Circunferência do braço :_____

PA (braço direito, sentada, após 5 min de repouso): 1ª:: _____

2ª (corrigida): _____

Tireóide:_____

Mamas: Palpação:_____

Galactorréia: ( ) sim ( ) não

2. MEDIDAS ANTROPOMÉTRICAS:

peso:_____alt:_____ IMC:_____

cint:_____quadril:_____ RCQ:_____

C. AVALIAÇÃO LABORATORIAL:

glicemia jejum_____glicemia após 75 g de glicose: _____

Insulina em jejum:_____Insulina após 75 g de glicose: _____

colesterol total:_____HDL:_____ LDL:_____

triglicerídeos:_____

T4: _____ TSH: _____ SDHEA: _____

LH:_____ FSH:_____ E2:_____

TT: _____ IAL:_____ SHBG: _____

Óxido Nítrico_____

Fibrinogênio: _____ Fator VII:_____ von Willebrand:_____

FV _____ PAI-1:_____

AntitrombinaIII:_____Proteína C:_____ Proteína S:_____

FUNÇÃO ENDOTELIAL, PARÂMETROS ANTROPOMÉTRICOS, METABÓLICOS E HORMONAIS EM PACIENTES PÓS-MENOPAUSICAS

Unidade de Endocrinologia Ginecológica/ Serviço de Endocrinologia do HCPA

TERMO DE CONSENTIMENTO

Este estudo tem como objetivo estudar a associação entre alterações no endotélio (camada interna dos vasos sangüíneos) e idade, tempo decorrido desde a menopausa, níveis de glicose, lipídeos, hormônios e substâncias que participam na coagulação sangüinea, fatores de grande importância no aparecimento da doença cardiovascular.

Durante a consulta, será obtido seu histórico médico e verificados sua pressão arterial, peso, altura e as medidas da cintura e quadril, incluídos no exame físico e serão solicitados exames. Serão coletadas amostras de sangue que fazem parte da rotina de avaliação para a mulher na pós-menopausa. Uma fração da amostra de sangue será congelada e utilizada posteriormente para dosagens que não são realizadas rotineiramente no laboratório do Hospital de Clínicas.

Faremos também ecografia transvaginal e mamografia bilateral, que fazem parte da rotina de avaliação em pacientes na pós-menopausa.

Para avaliação da função do endotélio, será realizado através de um exame chamado pletismografia. Para isto, será puncionada uma veia em cima da sua mão direita, onde será colocado um soro e depois injetadas algumas medicações. Estas medicações serão muito diluídas. Assim, a dose que será feita é muito pequena e o efeito causado por elas será única e exclusivamente no local da punção, não tendo nenhum efeito no seu organismo, ou seja, você não corre nenhum risco ao recebê-las nestas doses. As medicações irão fazer com que a sua veia fique mais dilatada (aberta, com uso de acetilcolina ou bradicinina) ou mais estreita (fechada, com o uso de fenilefrina). Em cima da sua mão será colocado um aparelho que vai registrar o movimento desta veia quando injetadas estas medicações. Este exame irá durar em média 3 horas, e a senhora ficará confortavelmente deitado durante todo o procedimento. Os riscos a que a senhora ficará exposta serão mínimos, incluindo dor tipo “picada de mosquito” na hora da punção e algum hematoma (mancha roxa) que poderá surgir após a retirada da agulha da sua veia.

Os resultados dos exames ficarão a sua disposição. Caso queira retirar-se do estudo, estará livre para fazê-lo em qualquer momento que desejar, sem que isso venha a implicar na interrupção de seu tratamento. Os dados coletados, além de serem utilizados para indicação de um melhor tratamento para cada paciente, serão usados para fins de pesquisa e futuras publicações, reservando-se os preceitos da ética. Se necessário, a senhora poderá entrar em contato com a Drª Maria Augusta Maturana ou com a Drª Poli Mara Spritzer, coordenadora desta pesquisa, pelo telefone (051) 33168245.

Eu, ...concordo voluntariamente em participar desta pesquisa e autorizo a utilização dos dados coletados durante a investigação, estando ciente que serão utilizados com finalidade de pesquisa científica e respeitando os preceitos da ética.

_____

Paciente

Porto Alegre,_____ de _____de _____.